

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA**

**CONCORDÂNCIA NOMINAL NA REGIÃO SUL**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

**MARISA FERNANDES**

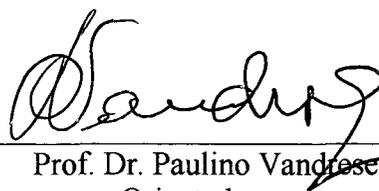
Florianópolis

1996

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de

MESTRE EM LINGÜÍSTICA

Área de Lingüística Aplicada - Sociolingüística - e aprovada em sua forma final pelo  
Programa de Pós-Graduação em Letras



---

Prof. Dr. Paulino Vandresen  
Orientador

Banca Examinadora



<sup>^</sup> Prof Dra. Maria Marta Pereira Scherre

---

Prof Dr. Attila Louzada Júnior



---

Prof Dra. Edair Maria Gorski

*Aos meus pais Pedro e Edith  
e  
Paula, minha filha*

Agradeço as minhas irmãs Marilda, Márcia e Kika, aos meus cunhados Carlos Alberto e Marcelino, a Loremi, Cláudia, Mara e Gerê, ao Professor Áttila e a Professora Edair. E agradeço especialmente ao Professor Paulino Vandresen pela orientação precisa e amiga e a Professora Marta Scherre pelas discussões produtivas e pelo incentivo constante.

# SUMÁRIO

Lista de Tabelas.....	i
Resumo.....	iii
Abstract.....	iv
Introdução.....	01
1. Pressupostos Teóricos.....	03
2. Objeto de Estudo.....	10
3. Metodologia de Pesquisa.....	13
3.1.0 Programa Computacional.....	13
3.2. A constituição da Amostra.....	15
3.2.1. Situação Informal.....	15
3.2.2. Situação Formal.....	19
3.3. Sobre os Dados.....	21
3.4. Dados Excluídos.....	23
4. Análise das Variáveis Lingüísticas.....	26
4.1. Breve Relato sobre o Estudo da Concordância de Número no Brasil.....	26

4.2. Hipóteses Lingüísticas e Extralingüísticas.....	29
4.3. Variáveis Trabalhadas.....	31
4.3.1. Posição Linear, Classe gramatical. Relação com o Núcleo e Marcas Precedentes.....	33
4.3.2. Saliência Fônica: Processos Morfofonológicos de Formação de Plural e Tonicidade dos Itens Lexicais.....	62
4.3.3. Contexto Seguinte.....	81
4.3.4. Características Lexicais dos Substantivos e Adjetivos.....	88
5. Análise das Variáveis Sociais.....	94
5.1. Variáveis Cruzadas.....	102
5.2. Formalidade.....	111
Considerações Finais.....	116
Bibliografia.....	122
Anexos.....	125

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Posição Linear do Elemento no SN.....	38
Tabela 2 - Classe Gramatical.....	41
Tabela 3 - Cruzamento de Posição Linear e Classe Gramatical.....	43
Tabela 4 - Distribuição das Classes Gramaticais do SN em Função da Posição e da Relação com o Núcleo.....	47
Tabela 5 - Dados Comparados. Pesos Relativos.....	48
Tabela 6 - Marcas Precedentes.....	55
Tabela 7 - Resultados Comparados; Pesos Relativos.....	58
Tabela 8 - Resultados Comparados: Pesos Relativos.....	60
Tabela 9 - Processos Morfofonológicos de Formação de Plural.....	66
Tabela 10 - Resultados Comparados: Pesos Relativos.....	67
Tabela 11 - Processos Morfofonológicos e Níveis de Escolarização.....	68
Tabela 12 - Processos Morfofonológicos dos Substantivos, Categorias Substantivadas e Adjetivos por Níveis de Escolarização.....	72
Tabela 13 - Tonicidade dos Substantivos, Categorias Substantivadas e Adjetivos.....	76
Tabela 14 - Resultados Comparados; Pesos Relativos.....	77
Tabela 15 - Processos e Tonicidade dos Substantivos, Adjetivos e Categorias Substantivadas.....	78

Tabela 16 - Processos e Tonicidade dos Substantivos, Adjetivos e Categorias Substantivadas por Níveis de Escolarização.....	79
Tabela 17 - Contexto Seguinte.....	83
Tabela 18 - Contexto Seguinte dos Itens Regulares, Itens Terminados em -S e Itens Terminados em -R.....	84
Tabela 19 - Itens Regulares - Resultados Comparados: Pesos Relativos.....	85
Tabela 20 - Itens Terminados em -S - Resultados Comparados: Pesos Relativos.....	86
Tabela 21 - Itens Terminados em -R - Resultados Comparados: Pesos Relativos.....	86
Tabela 22 - Animacidade dos Substantivos e Adjetivos.....	90
Tabela 23 - Grau dos Substantivos e Adjetivos.....	92
Tabela 24 - Resultados Comparados: Pesos Relativos.....	92
Tabela 25 - Níveis de Escolarização.....	96
Tabela 26 - Idade.....	98
Tabela 27 - Etnia.....	99
Tabela 28 - Sexo.....	101
Tabela 29 - Escolaridade e Idade.....	102
Tabela 30 - Escolaridade e Etnia.....	103
Tabela 31 - Escolaridade e Sexo.....	105
Tabela 32 - Idade e Etnia.....	106
Tabela 33 - Idade e Sexo.....	108
Tabela 34 - Sexo e Etnia.....	110
Tabela 35 - Formalidade.....	112

## **RESUMO**

Neste estudo foi analisado o comportamento da concordância de número plural no português do Brasil, o qual pode realizar-se em todos os elementos do SN, em nenhum elemento do SN ou ainda pode realizar-se de forma parcial. Para tanto, analisamos a fala de 47 informantes da Região Sul do Brasil (corpus do Projeto VARSUL) considerada como situação informal, e a fala de 19 informantes de diferentes procedências regionais que foi considerada como situação formal.

Nosso estudo teve suporte teórico e metodológico da Teoria da Variação Lingüística. Podemos constatar que a não aplicação da regra de concordância' de número está sujeita a condicionamentos estruturais, no caso, morfossintáticos, morfofonológicos e léxico-semânticos, e não estruturais: os aspectos sociais dos falantes.

## **ABSTRACT**

In the present study, it has been analyzed the comportment of number agreement on the Brazilian Portuguese, which can happen to all the elements of the noun phrase (NP), in none of the NP element or even in the partial form. For this reason we had analyzed the speech of 47 speakers from the Southern region of Brazil (corpus of the VARSUL Project), considered as be an informal situation, and the speech of 19 speakers from different origins which was considered as be a formal situation.

Our study was theoretical and methodological supported by the Linguistic Variation Theory. We can notice that the application or non-application of the rule of number agreement is subject to structural constraints - morphosyntactics, morphophonological and lexical semantics, and not-structural constraints - the social aspects of the speakers

## INTRODUÇÃO

A lingüística praticamente se confirma como ciência a partir de Saussure e o início do Estruturalismo. Para Saussure, a língua é um sistema abstrato, homogêneo e social e, portanto, o objeto da lingüística, excluindo deste objeto tudo aquilo que é individual e heterogêneo.

A Gramática Gerativa possui praticamente essa mesma visão de homogeneidade, pois teve como objeto de estudo a competência - o conhecimento potencial do sistema língua - e não o desempenho que, para Chomsky, está sujeito a falhas e imperfeições.

Contrariando o Estruturalismo e o Gerativismo, William Labov incorpora o estudo da variação no nível da língua e assume que a noção de heterogeneidade lingüística não é incompatível com a noção de sistema lingüístico ou língua.

Labov, como precursor da Sociolingüística Quantitativa e introdutor do estudo das regras variáveis, constata que não podemos fazer uso apenas da aplicação ou não de uma regra e sim que identifiquemos os fatores que favorecem ou inibem tal aplicação: Estes fatores podem ser lingüísticos ou sociais, e é com base nesta concepção de Labov que pretendemos verificar a aplicação ou não da regra de número plural no SN do português do Brasil, levando em consideração os fatores lingüísticos e sociais que estão interagindo na aplicação ou não desta regra em questão.

o objetivo principal deste estudo é fazer um levantamento da aplicação (pu não^da regra de concordância de número plural na Região Sul do Brasil. Para tanto, tomamos como base os estudos de Scherre (1978, 1986, 1988) para fins de comparação e, sendo assim, futuramente teremos uma visão mais abrangente do estudo da concordância no Brasil.

Em linhas básicas, o conteúdo deste nosso estudo assim se distribui:

No primeiro capítulo, apresentaremos, de uma forma geral, a orientação teórica desta nossa pesquisa e imi breve levantamento dos estudos na área da Sociolinguística Quantitativa no Brasil.

No segundo capítulo, abordaremos o objeto de estudo que, no nosso caso, refere-se à concordância de número plural no SN.

No terceiro capítulo, além da metodologia de pesquisa, apresentaremos o nosso corpus de estudo e os dados por nós analisados.

Nos capítulos quarto e quinto, procedemos à análise dos resultados lingüísticos e sociais, respectivamente, enfocando os diversos estudos sobre a concordância de número no português do Brasil, juntamente com as conclusões obtidas.

E, por último, apresentaremos as nossas considerações finais com a síntese das principais conclusões e sugestões para fiituras pesquisas.

## 1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Procurando superar a insuficiência do Estruturalismo, enquanto modelo interpretativo dos fenômenos da linguagem, surge o Transformacionalismo, tendo Noam Chomsky como seu precursor.

Em *Syntactic Structures* (1957), Chomsky critica o método estrutural, dizendo que este se limitava apenas à descrição da superfície das estruturas lingüísticas. E em *Aspects of the Theory of Syntax* (1965), introduz o estudo das estruturas profiindas, estruturas estas que seriam produzidas por um conjunto de regras interiorizadas pelo falante, em que atuariam as regras de transformação, gerando uma estrutura de superfície foneticamente manifestada. Chomsky vai mais além e diz:

“ A teoria lingüística ocupa-se primariamente com um falante-ouvinte ideal, numa comunidade lingüística completamente homogênea, que conhece a sua língua perfeitamente e não é afetado por condições gramaticalmente irrelevantes, tais como limitações de memória, distrações, desvios de atenção de interesse e erros (casuais e sistemáticos), ao aplicar seu conhecimento da língua no desempenho atualizante”. (1965, apud Elia, 1987:12);

É neste momento que a Sociolingüística começa a se desenvolver com mais consistência: ^ partindo do princípio de que a língua falada é, na verdade, heterogênea e instável e está estreitamente relacionada com as condições sociais do falante.

---

' - Grandes discussões deram-se, na década de 50 e 60, sobre o termo Sociolingüística. Muitos estudiosos preferiam utilizar o termo Sociologia da Linguagem. Sobre este assunto em questão e sobre a ^ origem da sociolingüística ver também Silvio Elia (1987).

A Sociolinguística praticamente se divide em duas correntes; Sociolinguística Qualitativa e Sociolinguística Quantitativa. Neste trabalho, o nosso interesse centraliza-se na Sociolinguística Quantitativa, Teoria da Variação e Mudança Linguística, na qual temos Willian Labov como precursor e um dos principais estudiosos desta área, não só pela importância de suas pesquisas mas pela forma original com que empregou seus métodos.

Um dos primeiros estudos de Labov foi a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ em Martha's Vineyard (1963), onde coletou seus dados em situação real de fala. Neste trabalho, Labov incorpora o estudo das regras variáveis como uma extensão das regras facultativas, e, dependendo do estudo em questão, há fatores linguísticos ou extralinguísticos favorecendo ou não a aplicação da regra.

Seus estudos prosseguem com a pesquisa sobre o /r/ pós-vocálico na cidade de Nova Iorque. Usando um novo método "inquérito breve e anônimo", coletou seus dados em três grandes lojas de níveis sociais diferentes; elite, intermediária e popular.

Em 1972a, publica o livro "Sociolinguistic Patterns", o qual, além de conter os dois estudos acima citados, aborda os conceitos de variação. Para Labov, a variação tem caráter sistemático e é possível superar a hipótese de que estrutura e homogeneidade caminham sempre juntas.

Em "Language in the Inner City" (1972b), Labov centraliza seus estudos no inglês negro dos adolescentes de Harlem, Nova Iorque e apresenta a formulação teórica do

conceito de regras variáveis. Para Labov não existem regras opcionais e sim regras variáveis - maneiras alternativas de dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade. (Tarallo, 1990:88).

No Brasil, a Sociolinguística cresce paralelamente com a corrente gerativista, também sob as duas vertentes: Quantitativa e Qualitativa (Interacionalista). Mas esta divisão não é tão rígida, pois, como diz Nawa, baseada em Schiffirin (1987):

“... esta dicotomia é um tanto artificial porque, na verdade, a maior parte das análises combinam ambas as abordagens nos seus procedimentos reais. Observe-se que a análise quantitativa, por exemplo, depende de descrições qualitativas para categorizar os dados ou interpretar as relações causais das tendências processadas estatisticamente. Por outro lado, uma abordagem qualitativa traz implícita a noção de que “mais é melhor”, isto é, toma-se necessário a identificação de muitas ocorrências do mesmo fenômeno, a fim de conferir maior confiabilidade à análise. (Nawa, 1989:204)

Seguindo a linha Interacionalista, temos a grande contribuição de Stella Maris Bortoni (Universidade de Brasília) por suas pesquisas, orientações e pela coordenação, juntamente com Lúcia Quental, de um projeto de pesquisa no qual são abordados, principalmente, a interação professor-aluno, dando ênfase às crianças de periferia, favelas e da zona rural, filhos de pais iletrados.

Duas correntes dentro da Sociolinguística Quantitativa também têm gerado muitos trabalhos no Brasil: a Sociolinguística Paramétrica - com os estudos de Fernando Tarallo e Mary Kato, os quais usam a Teoria Gerativa para estudos de variação em sintaxe - e a

Sociolinguística Correlacionai ou Laboviana, que gostaríamos de enfatizar com mais detalhes, por ser o centro de nossa pesquisa.

Um dos primeiros trabalhos seguindo os métodos da Teoria da Variação Linguística encontra-se em “Competências básicas do português” de Anthony Naro e Miriam Lemle (1977). Neste estudo, além de verificarem os pontos de diferenciação entre a variedade da língua portuguesa falada pelos mobralenses e as variedades da língua escrita - histórias em quadrinho, fotonovelas, jornais e literatura nacional - analisam a concordância verbal aplicando o conceito de regra variável (Labov) e introduzem modelos logísticos à análise estatística. Além do que, segundo Corrêa<sup>21</sup>, um trabalho dessa natureza “oferece alternativas metodológicas e sugestões de elaboração de material que permite acelerar o processo de leitura e aquisição da escrita da norma culta.”

O corpus de Competências básicas do português consta de 140 entrevistas, feitas com 20 informantes, alunos do MOBREAL, com faixa etária de 17 a 50 anos e dos sexos masculino e feminino.

Em seguida, um novo projeto de pesquisa teve início na UFRJ: o Projeto Censo da Variação Linguística e que resultou, posteriormente no Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua - PEUL Este foi, portanto, o primeiro projeto voltado para a Sociolinguística Variacionista no Brasil.

---

<sup>21</sup> - Citação retirada da Apresentação do livro “Competências básicas do português” de Lemle & Naro (1977).

o Projeto Censo consta, em sua primeira fase, de um banco de dados com 48 horas de fala de 48 informantes adultos divididos em; anos de escolarização (primário, ginásio e colegial), idade (15 a 25 anos; 26 a 49 anos e mais de 50 anos) e sexo (feminino e masculino). Em sua segunda fase, foi complementado com mais uma faixa etária - 7 a 14 anos - divididos em primário e ginásio, levando em consideração também os sexos masculino e feminino.

O Projeto Censo proporcionou uma vasta contribuição aos estudos variacionistas, não só pela grande quantidade de trabalhos produzidos como; dissertações de mestrado, teses de doutorado, colóquios, etc. quanto pelos seminários e aulas ministradas por seus componentes em vários centros educacionais do Brasil. Na Região Sul, por exemplo, por iniciativa do Projeto VARSUL tivemos a presença dos seguintes professores;

- Giselle Machline de Oliveira e Silva, em 1989, ministrou um curso sobre organização de amostras e coletas de dados para os professores de Lingüística das Universidades Federais do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com o objetivo de constituir um banco de dados a partir da documentação do português falado na Região Sul do Brasil.

- Em 1991, o professor Sebastião Josué Votre ministrou o curso “Elaboração de Projetos em Sociolingüística”, que deu origem ao I Caderno do Projeto VARSUL, contendo estudos variacionistas com metodologia laboviana. Na época, tivemos a primeira oportunidade de usarmos o corpus do banco de dados do Projeto VARSUL e aplicarmos o Pacote Computacional VARBRUL para as análises estatísticas, que até então, na prática, era desconhecido por nós.

- Em 1993 e 1994, tivemos a presença da professora Maria Marta Pereira Scherre que ministrou os cursos “Suporte Quantitativo da Teoria da Variação Lingüística” e “Questões Teóricas e Metodológicas da Análise Lingüística Variacionista”.

- Em 1995, a professora Vera Lúcia Paredes da Silva ministrou o curso “Do Variacionismo ao Funcionalismo”.

A partir destes cursos, muitos estudos começaram a se desenvolver dentro da Teoria da Variação Lingüística, na UFSC, em forma de dissertações de mestrado e apresentações em colóquios e seminários, principalmente pelos integrantes do Projeto VARSUL. Este foi um dos motivos pelo qual não poderíamos deixar de citar a grande contribuição do Projeto Censo em nossa dissertação.

Seguindo a mesma metodologia do projeto Censo, iniciou-se em 1989, o Projeto VARSUL - Variação Lingüística Urbana da Região Sul - com o objetivo de constituir um banco de dados a partir da documentação do português falado nas áreas urbanas lingüisticamente representativas da Região Sul.

Os dados foram coletados seguindo a metodologia laboviana - seleção dos informantes, gravação e transcrição das entrevistas - e ficarão armazenados em bancos de dados instalados nas universidades federais do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e na PUC-RS. Podendo ser utilizados por estudantes e profissionais não só da área da lingüística como também de outras áreas, conforme o interesse do pesquisador, pois os dados são muito ricos em informações históricas, culturais, etc.

o Projeto VARSUL deverá contar, em sua primeira fase, com 288 entrevistas assim representadas;

- *CÉLULAS*: 12 células de dois componentes, considerando duas faixas etárias - 25 a 49 anos e mais de 50 anos - sexo - masculino e feminino - e grau de escolarização - primário, ginásio e colegial, numa amostra de 24 falantes por localidade.

- *LOCALIDADE*. As cidades onde serão coletados os dados foram selecionadas levando em consideração a etnia mais representativa e capitais dos respectivos estados:

- Paraná - capital (Curitiba); paulista-mineiro (Londrina); gaúcho (Pato Branco) e eslavo (Irati).

- Santa Catarina - capital-açoriano (Florianópolis); serrano (Lages); Italiano (Chapecó) e germânico (Blumenau).

- Rio Grande do Sul - capital (Porto Alegre); germânico (Panambi); italiano (Flores da Cunha) e fronteiriço (São Boija).

Para a confiabilidade da representação de cada origem étnica, é imprescindível que os informantes tenham nascido nas suas respectivas cidades, e não tenham saído por mais de 2 anos na etapa de aquisição da linguagem.

O banco de dados do Projeto VARSUL encontra-se, no momento, com uma média de 80% das entrevistas já prontas (gravadas, transcritas, digitadas e armazenadas em disquetes). E, numa segunda fase, está se pensando na ampliação desse corpus com mais uma faixa etária (menos de 24 anos), seguindo o grau de escolarização e o sexo.

## 2. OBJETO DE ESTUDO

A concordância de número realiza-se de duas formas: verbal - ocorrendo entre o sintagma nominal sujeito e o verbo - e nominal - ocorrendo entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal ou entre o sujeito e o predicativo. Segundo a gramática tradicional brasileira (cf. Cunha & Cintra, 1985:263-7; 310-1; Bechara, 1973:295-310) a concordância é uma regra “de natureza obrigatória, com base explícita ou implícita, na escrita ou na fala de pessoas cultas num registro formal ou coloquial tenso.” (apud Scherre 1992a:48) . Já, para Said Ali (1971:297) “o mecanismo da concordância não constitui necessidade lógica das línguas, pois uma marca formal ou semântica de plural em algum ponto do SN é suficiente para se transmitir a informação desejada.”

Neste trabalho, pretendemos estudar a concordância de número entre os elementos flexionáveis do SN dentro da visão da Teoria da Variação Lingüística, adotando do princípio de que cada elemento do SN constitui um dado de análise, cuja marca formal é caracterizada pelo acréscimo do morfema plural /S/ que se realiza de diferentes formas: [s] [z] [s] [z] [h] dependendo dos contextos lingüísticos específicos em função de características regionais dos falantes (Scherre, 1992:1).

Os estudos anteriores sobre a concordância (principalmente Scherre (1988) em sua reanálise) comprovam que há fatores lingüísticos e extralingüísticos interferindo nas possibilidades de realizações desta variável em questão, O que nos deixa dúvidas é se a

Os estudos anteriores sobre a concordância (principalmente Scherre (1988) em sua reanálise) comprovam que há fatores lingüísticos e extralingüísticos interferindo nas possibilidades de realizações desta variável em questão.^^ que nos deixa dúvidas é se a “pluralização” se trata de uma variação estável ou há uma mudança em curso\*\*, pois todos os estudos feitos até então analisam a concordância de número de forma sincrônica (que é também o nosso caso), faltando-nos estudos diacrônicos para comprovar tal procedimento.

Como falamos anteriormente, cada elemento do SN nominal constitui um dado em nossa análise e, por esse motivo, codificamos nossos dados em relação a/presença vs. ausência do morfema de número, sendo que o SN deve conter pelo menos uma marca formal ou semântica de plural.

Os casos por nós analisados são praticamente os mesmos descritos por Scherre (1988), com poucas exceções que comentaremos mais tarde. Scherre exclui dos seus dados casos como muita mulher casada, que é uma forma aceita pela gramática tradicional brasileira, mas não exclui casos como muitas mulheres casadas; muitas mulheres casada; muitas mulher casada, por haver pelo menos uma marca formal indicando pluralidade. Casos que não apresentam nenhuma marca formal de plural como dois risco verde; um montão de nego velho, também não foram excluídos, casos estes que seria mais conveniente falar em indicação de pluralidade e não concordância pois “concordância gramatical implica harmonia formal em pelo menos dois elementos de uma dada construção” (Scherre, 1988:62).

---

<sup>4</sup> - Nos estudos sobre a concordância veifol, Naro (1981) considera que está havendo um processo em curso que caminha para duas direções opostas: para um sistema sem marcas - envolvendo perdas - e para um sistema com marcas - envolvendo aquisição. (Naro, 1981, apud Dias, 1993; 18).

Outro aspecto que poderíamos citar como inovador em Scherre diz respeito a variante não-padrão (óvo, mese, mulhere) considerada como aplicação da regra (opondo-se a Braga, 1977). Scherre justifica a aplicação da regra partindo de outros exemplos encontrados no português do Brasil, como na desinência verbal em que a marca de primeira pessoa do plural é caracterizada pelo acréscimo de -mos, cuja realização pode ser *falamo*, *andamo*, ou no gerúndio -ndo - *correm*, sem descaracterizar a forma plural e de gerúndio respectivamente.

### 3. METODOLOGIA DE PESQUISA

Os dados foram coletados seguindo a metodologia laboviana cujo propósito maior é coletar o vernáculo, ou seja, a fala espontânea e/ou o mais natural possível. De uma maneira geral, a metodologia laboviana\* pressupõe; variantes a serem estudadas, coleta e transcrição dos dados, ^ós a escolha do modelo computacional, pelo qual fizemos o levantamento estatístico da pesquisa, os dados foram codificados, digitados e quantificados. A seguir falaremos mais detalhadamente sobre o programa computacional escolhido e a constituição da amostra trabalhada.

#### 3.1. O PROGRAMA COMPUTACIONAL

Dentre os modelos matemáticos aplicados à Sociolingüística Quantitativa, o Programa Computacional VARBRUL 2S®, na versão organizada por Susan Pintzuk (1988), é o que mais vem sendo utilizado nos cálculos estatísticos. Este programa, além de calcular o número de ocorrências dos fatores de cada variável e suas respectivas percentagens, trabalha em termos de pesos relativos, o que toma a análise muito mais precisa e segura por não analisar variáveis isoladas e sim análise conjugada dos grupos, verificando eventuais interações.

---

^ - Maiores informações sobre coleta e transcrição de dados consultar Tarallo (1990); Scherre, In: MoUica (org. -1992) e Silva, In: MoUica (org. -1992).

^ - Além do manual escrito por Pintzuk sobre o Programa Computacional VARBRUL, que foi traduzido para o português por Ivone I. Pinto, consultar também Scherre, (1988 e 1993).

O VARBRUL 2S trabalha através de níveis, ou seja, no nível zero, o programa calcula “a probabilidade de aplicação da regra quando o efeito de todas as variáveis é neutro.” (Lemle e Naro, 1977:26-7), No nível seguinte, o primeiro, o programa calcula o peso relativo de cada grupo de fatores e seleciona o mais significativo. Escolhido o primeiro grupo, este começa a ser comparado com os demais, no caso dois a dois, após três a três e assim sucessivamente até que tenha selecionado todas as variáveis relevantes. Este processo é chamado de *stepup*.

Para conferir se todas as variáveis não selecionadas são também eliminadas, o programa trabalha com outro segmento chamado de *stepdown*. Neste processo o programa faz exatamente o oposto do *stepup*: primeiramente calcula o peso relativo com todos os grupos de fatores juntos e elimina, também progressivamente, os contextos, agora, menos significativos.

Em análises binárias, como é o nosso caso, os pesos relativos próximos a 0.50 são neutros com relação a aplicação da regra, acima favorecem e abaixo ocorre o oposto. Isto, grosso modo, pois segundo Sankoff “é a comparação dos efeitos de quaisquer dois fatores em um grupo de fatores (medida pelas suas diferenças) que é importante, e não os seus valores individuais” (Sankoff, 1988:989). Convém salientar neste momento que os nossos dados foram analisados visando a aplicação da regra, ou seja, a ocorrência da marca formal de plural.

A grande vantagem da nova versão desse programa está no fato de podermos perceber o comportamento de cada grupo de fatores durante as interações. Muitas vezes ocorre de um grupo de fatores ter uma influência negativa sobre um outro grupo e, neste momento, entra mais uma vez o papel do lingüista em analisar o porquê dessa influência e a manutenção ou não desse grupo de fatores.

### *3. 2. A CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA*

Os dados aqui trabalhados foram coletados, seguindo o objetivo da pesquisa, de formas diferentes e foram divididos em quatro categorias; a) informal - dados do Projeto VARSUL; b) comentários esportivos; c) entrevistas em televisão e d) defesas de dissertações de mestrado.

#### *3.2.1. SITUAÇÃO INFORMAL*

Os dados que constituem a situação informal desta pesquisa foram retirados do banco de dados do Projeto VARSUL - Variação Lingüística Urbana da Região Sul, onde trabalhamos com 30 minutos da fala de 48 informantes divididos em; 12 informantes de etnia açoriana (Florianópolis - SC), 12 informantes de etnia italiana (Chapecó - SC), 12 informantes de etnia alemã (Panambi - RS) e 11 informantes de etnia eslava (Irati - PR), levando em consideração a idade (de 25 a 49 anos e mais de 50 anos), sexo (masculino e feminino) e escolaridade (primário, ginásio e colegial). Perfazendo um total de 24 horas de fala com 5.424 dados analisados.

A seguir, apresentaremos as características sociais dos informantes divididos por etnias. Como cada entrevista do Projeto Varsul consta de um número, resolvemos fazer uso deste, com o intuito de mantermos em sigilo o nome do informante. Portanto, nos exemplos encontrados durante toda a dissertação, primeiramente colocaremos o **número da entrevista** (que pode ser de **01 a 24**); após a **cidade** (**F** - Florianópolis; **C** - Chapecó; **I** - Irati; **P** - Panambi); sexo (**F** - feminino; **M** - masculino); idade (**A** - de 25 a 49; **B** - mais de 50) e escolaridade (**P** - primário; **G** - ginásio; **C** - colegial).

#### CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DOS INFORMANTES DO PROJETO VARSUL

- Etnia Açoriana

<b>Número da entrevista</b>	<b>cidade</b>	<b>sexo</b>	<b>idade</b>	<b>escolaridade</b>
01	F	F	A	P
09	F	F	A	G
20	F	F	A	C
07	F	F	B	P
15	F	F	B	G
22	F	F	B	C
02	F	M	A	P
10	F	M	A	G
19	F	M	A	C
05	F	M	B	P
14	F	M	B	G
23	F	M	B	C

- Etnia Italiana

Número da entrevista	cidade	sexo	idade	escolaridade
01	C	F	A	P
12	C	F	A	G
19	C	F	A	C
06	C	F	B	P
13	C	F	B	G
21	C	F	B	C
02	c	M	A	P
10	C	M	A	G
18	c	M	A	C
05	C	M	B	P
15	C	M	B	G
24	C	M	B	C

- Etnia Alemã

Número da entrevista	cidade	sexo	idade	escolaridade
23	P	F	A	P
01	P	F	A	G
02	P	F	A	C
21	P	F	B	P
05	P	F	B	G
09	P	F	B	C
12	P	M	A	P
13	P	M	A	G
17	P	M	A	C
24	P	M	B	P
03	P	M	B	G
14	P	M	B	C

- Etnia Eslava

Número da entrevista	cidade	sexo	idade	escolaridade
01	I	F	A	P
03	I	F	A	G
05	I	F	A	C
08	I	F	B	P
10	I	F	B	G
11	I	F	B	C
13	I	M	A	P
21	I	M	A	G
17	I	M	A	C
16	I	M	B	G
23	I	M	B	C

### **3. 2.2. SITUAÇÃO FORMAL**

#### **3. 2. 2.1. PROGRAMAS ESPORTIVOS EM TELEVISÃO**

Neste contexto, foram gravadas em fitas de vídeo uma média de 15 minutos da fala de 5 comentaristas esportivos de programas televisivos, perfazendo um total de 368 dados.

O interesse em se trabalhar com programas televisivos foi por termos a concepção de que a televisão é um meio de comunicação formal e, por este motivo, sugere um pouco mais de cuidado com a linguagem (fala, gestos, etc.). Mas, devido às polêmicas discussões geradas durante os comentários, esta situação se aproxima muito de uma situação informal.

Comentaristas esportivos: Miliolli Neto, Miguel Livramento, Eládio Cardoso, Roberto Alves e Sílvio Luís (Rede Bandeirantes).

#### **3.2. 2. 2. ENTREVISTAS EM TELEVISÃO**

Foram gravados, também em fitas de vídeo, a fala de 4 entrevistadores de diferentes canais de televisão, num total de 415 dados.

A escolha destes entrevistadores foi aleatória, tendo como objetivo contrastar por níveis de formalidade o comportamento da concordância nominal em si. Esta amostra foi considerada um pouco mais formal que *comentários esportivos*, pelo fato de serem

entrevistadas pessoas dos mais diversos níveis sociais, culturais e escolares, fazendo com que o entrevistador muitas vezes se polície com a linguagem.

Entrevistadores: Silvia Poppovic, Paulo Cardoso (repórter de rua do Programa Silvia Popovick), Clodovil e João Kleber.

### **3. 2. 2.3. DEFESAS DE DISSERTAÇÕES DE MESTRADO**

Foram gravadas 10 defesas de dissertações de mestrado, perfazendo um total de 738 dados. Convém ressaltar, neste momento, que a coleta desses dados se deu no momento da apresentação da dissertação, ou seja, na exposição do trabalho. Embora os informantes pertençam a diferentes áreas de concentração, optamos por analisar os dados num mesmo grupo.

Dentro de todo o contexto analisado, as *defesas de dissertações de mestrado* foram consideradas como a situação mais formal, pois levamos em consideração não só a formalidade do momento em si bem como o estado emocional do informante.

Áreas de Concentração; - Administração (01 informante)

- Lingüística (01 informante)
- Literatura Brasileira (01 informante)
- Engenharia de Produção Mecânica (01 informante)
- Engenharia Elétrica (02 informantes)
- Geografia (02 informantes)

- História (02 informantes)
- Sociologia (02 informantes)

Como o nosso objetivo em trabalhar com a fala dos entrevistadores, comentaristas esportivos e alunos de mestrado era apenas a questão da formalidade, não levamos em consideração a idade, escolaridade e sexo. Por esse motivo, não apresentamos as características sociais destes informantes, uma vez que em muitos casos, como os televisivos, toma-se imi pouco difícil obter informações como escolaridade e idade.

### 3.3. SOBRE OS DADOS

Como falámos anteriormente ( Capítulo 3.2 - Consituição da Amostra), a coleta de dados se deu de 4 formas diferentes, subdivididos em 2 grupos:

a) Na situação informal (banco de dados do Projeto VARSUL), as entrevistas trabalhadas já haviam sido transcritas e digitadas pelos bolsistas do Projeto VARSUL. A partir daí, retiramos todos os sintagmas nominais com marca formal ou semântica de plural de cada informante, durante 30 minutos de fala, numa média de 40 sintagmas nominais por entrevista. Adotamos como aplicação da regra qualquer elemento com marca formal de plural e, como não aplicação, o oposto. Ao submetermos ao Programa Computacional VARBRUL 2S, tomamos como aplicação da regra a *presença de marca formal de plural*. Portanto, os resultados estatísticos que seguirão, devem ser lidos visando à aplicação da regra.

De acordo com os nossos dados e também os vistos por Scherre (1988), os SN plurais se realizam das seguintes formas;

**- Em todos os elementos do SN:**

Morei na casa DOS MEUS PAIS em frente e voltei ao mesmo lugar. (IOCMAG)<sup>7</sup>

AS PRIMEIRAS VEZES que eu, quando eu comecei a conhece o centro de Chapecó, era bem menor. (IOCMAG)

Copiava AQUELES QUESTIONÁRIOS ENORMES que você tinha que respondê em casa. (05IFAC)

**- Em alguns dos elementos do SN:**

Nós ahnoçamos TODOS OS DOMINGO na casa da minha mãe. (05IFAC)

Eu não agüentei passá DOS TRÊYS DIA. (09FFAG)

AQUELES BOTÕES AMARELO assim como da Marinha. (15FFBG)

**- Em apenas um elemento do SN:**

Chega lá de fora com OS DEDO DURO de frio. (OIIFAP)

Eu aconselho A MINHAS AMIGA não tê. (OIIFAP)

O Tico é um DO MEUS AMIGO lá, é a pessoa que eu contava tudo. (OIIFAP)

**- Em nenhum dos elementos do SN - quando ocorre um numeral cardinal:**

---

<sup>7</sup>- Entre parênteses colocamos a identificação de cada informante, ou seja, número da entrevista, cidade, sexo, idade e escolaridade.

Tem uma cabeça de um cara de TRINTA ANO. (OIIFAP)

Tinha TRÊYS SERRARIA no tempo em que aquela região era riquíssima em pinhero. (18CMAC)

As maderas eles disseru que era de QUATRO METRO mais o meno. (19CMAC)

b) Na situação considerada como formal - comentários esportivos, entrevistas em televisão e defesas de dissertações de mestrado - também retiramos todos os sintagmas nominais com marca formal de plural encontrados durante as gravações de cada informante. Nesta etapa, analisamos a aplicação da regra levando em consideração apenas a *variável extralingüística* denominada *formalidade*. Não incluímos nenhuma variável lingüística, pois deixamos para vmi estudo futuro. O total de ocorrências encontra-se no Seção 3.2.2.

### 3. 4. DADOS EXCLUÍDOS

Excluimos todos os dados que pudessem comprometer de alguma forma nossas análises. A maioria dessas ocorrências foram as mesmas já descartadas por Scherre (1988:29-32) e Dias (1993:40-3).

#### 1. Sintagmas nominais com neutralização no último elemento da cadeia sintagmática:

Aí ficamo cinco ANQS^EPARADO, trêys ANQSSEPARADO. (20FFAC)

É uma das minhas AMIGAS SÓ. (20FFAC)

Nestes casos não podemos ter certeza da presença ou não do morfema plural pela semelhança dos sons.

## 2. Construções generalizantes sem nenhuma marca de plural explícita;

Eles ensinaram MUITA COISA que eu acho que dali POCA COISA eles aproveitaram mesmo. (05IFAC)

Não tinha TANTA MATÉRIA mais era bem dada as matérias (05IFAC)

Era MUITO POCO POLÍTICO então um defende o otro, né? (21IMBG)

Excluimos esses casos por serem aceitos pela gramática tradicional brasileira tanto na forma singular quanto plural, mesmo quando o referente é repetido em seguida com marca de plural, como é o caso do segundo exemplo: *as matérias*.

## 3. Locução prepositiva ÀS VEZES:

ÀS VEZI é o próprio cartero. (14FMBG)

Prejudica ÀS VEZI a image do correio. (14FMBG)

ÀS VEIZ a gente se acha tão sozinho. (05FMBP).

Descartamos a locução prepositiva ÀS VEZES, mas não excluimos a palavra VEZ em outros contextos como: DUAS VEZES, MUITAS VEZES, etc.

## 4. Morfema /S/ dos numerais:

Sete de TRÊS de mil NOVECENTO e cinquenta e imi tentou duas vezes o vestibular. (02FFAP)

É aquele negócio de quinhentos réi, DUZENTO réis aquele negócio. (02FFAP)

Eu paguei mil e QUINHENTO, a Fundação me empresto dois e OITOCENTO. (20FFAC)

Embora não sendo muito comum, há alguns exemplos de numerais sem o morfema /S/ que, inclusive, merecem imi estudo posterior.

#### 5. Sintagmas preposicionais:

Essa pergunta foi boa me fez lembrá de UM MONTE DE COISA. (IOCMAG)

UMA PORÇÃO DE EVENTOS. (IOCMAG)

Apareceu no meio do salão com UM MONTE DE COBERTOR. (IOCMAG)

Embora tenham sido trabalhados por Scherre (1988) e Dias (1993), resolvemos não incluir os sintagmas preposicionais neste estudo.

## 4. ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

Esta parte do nosso estudo refere-se, como o próprio nome diz, à análise das variáveis lingüísticas dos nossos dados. Primeiramente, gostaríamos de fazer um breve relato sobre o estudo da concordância de número no Brasil, logo após falaremos dos grupos de fatores e hipóteses trabalhadas e, por último, vamos expor a análise das variáveis lingüísticas.

### *4.1. BREVE RELATO SOBRE O ESTUDO DA CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NO BRASIL*

Os primeiros estudos sobre a concordância de número no português iniciaram-se no começo do século por dialetologistas, cujos dados foram extraídos de informantes iletrados, principalmente na área rural do Brasil. Dentre eles, os trabalhos de Amaral (1920) e Nascentes (1953) foram os que se tomaram mais conhecidos no nosso meio. Segundo os dialetologistas, a marca formal de plural se realiza apenas no primeiro elemento do SN, raras vezes ocorre no seguimento seguinte e, mesmo assim, quando há maior saliência entre singular/plural, como por exemplo: avião/aviões. (Scherre, 1992a:49).

O primeiro estudo sobre a concordância de número no SN abordando princípios teóricos e metodológicos da Teoria da Variação Lingüística Laboviana foi o de Braga e Scherre (1976). Na época, estas autoras analisaram os dados de sete informantes cariocas.

Em seguida, Braga (1977) retoma o mesmo tema em sua dissertação de mestrado e analisa os dados de informantes da classe média e baixa do Triângulo Mineiro.

Scherre (1978), em sua dissertação de mestrado, analisa os dados de dez informantes cariocas, levando em consideração outra variável social: níveis de escolarização - seis informantes semi-escolarizados, três universitários e um colegial.

Ponte (1979), também em sua dissertação de mestrado, analisa os dados de vinte informantes semi-escolarizados de Porto Alegre (RS).

Carvalho Nina (1980) analisou os dados de vinte falantes analfabetos da micro-região bragantina, no estado do Pará.

Guy (1981a) analisou os dados de alunos do MOBREAL, semi-analfabetos do corpus da pesquisa Competências Básicas do Português.

Scherre (1988) retoma novamente este mesmo tema e “reanalisa” a concordância de número com os informantes do Projeto Censo.

Dias (1993) analisa dados de vinte informantes de Brasília com 4 anos de escolarização, sendo dez informantes da área urbana e dez da área rural.

Resolvemos, nesta parte, apenas situar os trabalhos já feitos sobre a concordância de número no SN no Brasil. De uma forma geral, as principais conclusões chegadas em cada trabalho acima citado, nós iremos comentar durante a análise dos grupos de fatores, no momento que for mais oportuno.

#### *4. 2. HIPÓTESES LINGÜÍSTICAS E EXTRALINGÜÍSTICAS*

O nosso objetivo principal neste estudo é verificar se as hipóteses propostas por Scherre (1988) se aplicam aos nossos dados. Por este motivo, trabalhamos com os mesmos grupos de fatores lingüísticos vistos pela autora acima citada.

Neste momento não iremos mostrar cada hipótese separadamente, pois estas estarão explícitas durante toda a apresentação da análise dos resultados. Apenas gostaríamos de ressaltar que no nosso estudo, no que se refere ao grupo de fatores marcas precedentes, subdividimos os numerais terminados em /S/ (dois, seis) dos não terminados em /S/ (quatro, oito), nesse caso temos a hipótese que estes numerais em questão se comportam de forma diferente: os numerais não terminados em /S/ favorecem a marca formal de plural no elemento seguinte. Este caso foi descartado dos estudos de Scherre (1988:235-6) quando, no levantamento de seus dados e trabalhando apenas com percentagem, praticamente não houve diferenças estatísticas entre os numerais.

Quanto às hipóteses extralingüísticas, além das variáveis: idade, níveis de escolarização e sexo, vistos por Scherre, acrescentamos duas novas variáveis: etnia e níveis de formalidade. Em relação à etnia, acreditamos que os descendentes de açorianos farão mais concordância que os descendentes das demais etnias analisadas. O que nos leva a pensar desta forma é o fato do português ser a língua materna destes informantes, diferentemente dos demais descendentes analisados, pois, a sua maioria, faziam uso de outra

língua (alemã, eslava e italiana) no dia-a-dia e \deram, posteriormente, aprender o português durante a escolarização.

Em relação aos níveis de formalidade, a hipótese é que quanto mais formal for situação, mais os informantes aplicarão a regra de concordância nominal, pois há um maior policiamento nestes contextos. Gostaríamos de deixar claro, neste momento, que não analisamos o mesmo informante em situações diferentes de fala e sim analisamos as situações de uma forma em geral, ou seja, não levando em consideração apenas o informante mas também o contexto de fala em que ele se encontra.

### 4.3. VARIÁVEIS TRABALHADAS

Como consideramos *& Reanálise da concordância nominal em português* (Scherre, 1988) como sendo o mais completo estudo sobre a concordância de número no SN, resolvemos trabalhar com, praticamente, os mesmos grupos de fatores lingüísticos, divergindo apenas em relação às variáveis extra-lingüísticas, pois, além de introduzirmos a variável etnia, os contextos social e geográfico são diferentes.

Outro fator inovador diz respeito à variável *níveis de formalidade*, que, embora seja uma pequena amostra, dará subsídios para futuras pesquisas com vista a este aspecto.

#### **GRUPOS DE FATORES**

##### **- Variável dependente;**

1. Presença de marca formal de plural
2. Ausência de marca formal de plural

##### **- Variáveis lingüísticas independentes**

1. Posição linear dos elementos no SN
2. Classe gramatical dos elementos
3. Relação com o núcleo do SN
4. Marcas precedentes

5. Processo morfofonológico de formação do plural
6. Tonicidade dos itens
7. Contexto seguinte
8. Grau dos substantivos e adjetivos
9. Animacidade dos substantivos e adjetivos

### **Variáveis extralingüísticas**

1. Idade
2. Níveis de escolarização
3. Sexo
4. Etnia
5. Níveis de formalidade

#### 4.3.1. POSIÇÃO LINEAR, CLASSE GRAMATICAL, RELAÇÃO COM O NÚCLEO E MARCAS PRECEDENTES

Do meu ponto de vista, o estudo da concordância nominal no Brasil deve ser dividido em 2 etapas; antes e pós Reanálise (Scherre, 1988).

Em estudos anteriores à Reanálise da Concordância Nominal em Português (Scherre, 1988), a *posição linear dos elementos no SN e & classe gramatical dos elementos analisados* eram vistos como grupos de fatores isolados e esses estudos chegaram praticamente às mesmas conclusões;

/■

1) A primeira posição do SN é a mais marcada e com probabilidade nunca inferior a 0,70. Para a segunda posição a probabilidade cai significativamente e assim sucessivamente. Portanto, com a marca formal de plural na primeira posição, as demais marcas tomam-se redundantes. Esta é uma visão funcionalista, no sentido de Kiparsky em que haveria “uma tendência para a informação semanticamente relevante ser retida na estrutura superficial podendo, conseqüentemente, cancelarem-se informações redundantes.” (1972, apud Scherre, 1988; 147).

2) Quanto à classe gramatical, os substantivos e os adjetivos tendem a reter menos marca: que os determinantes, por ocuparem principalmente as segundas e terceiras posições.

Guy (1981) chega a estabelecer uma relação direta entre a variável *posição* nos seus estudos sobre o português popular do Brasil quando os compara com os estudos de Poplack sobre o espanhol de Porto Rico, afirmando que há uma equivalência entre a *primeira posição* e *determinante* (probabilidade de 0,93 nos estudos de Guy e 0,74 em Poplack), *segunda posição* e *nome* (0,34 e 0,43) e *terceira posição* e *adjetivo* (0,34 e 0,31). E ainda conclui que a pequena discrepância entre os determinantes nos seus estudos quando comparados aos de Poplack é devido à ocorrência do determinante *lo (los)* e sugeriu que, se estes dados fossem retirados das análises, os resultados seriam praticamente iguais. (Scherre, 1988:151-2).

Tendo em vista estas considerações, Scherre revisando seus dados concluiu que havia um número muito significativo de substantivos na primeira posição (161 casos em 5871 dados) e na terceira posição (514 em 5871) para serem simplesmente desprezados e, ainda, a quantidade de substantivos na terceira posição era maior que a de adjetivos nessa mesma posição (514 substantivos para 307 adjetivos). Resolveu, então, reformular este grupo de fatores, que antes era trabalhado de forma trílice (determinante, substantivo e adjetivo) subdividindo-os em: substantivo, categoria substantivada, pronome pessoal de terceira pessoa, adjetivos 1 e 2, quantificador, possessivo, indefinido, artigo e demonstrativo.

Com os recursos do Pacote VARBRUL, Scherre pode cruzar os grupos de fatores posição com classe gramatical e chegou a conclusões um pouco diferentes do que havia sido visto até então e que refletiam mais adequadamente a realidade dos dados:

- os substantivos podem ocorrer nas três posições, inclusive com mais marcas de plural na terceira (0,62) do que na segunda posição (0,53).
- Os adjetivos ocorrem tanto na primeira quanto na segunda e terceira posição, sendo mais marcados na segunda que na terceira posição.
- Os possessivos podem ocorrer também nas três posições, e ainda, a quantidade de possessivos na segunda posição não diverge tanto da primeira (184 na primeira posição para 135 na segunda, em 331 dados).
- Os artigos e demonstrativos ocorrem tanto na primeira quanto na segunda posição.
- Os indefinidos e quantificadores ocorrem nas três posições. Inclusive a quantidade de ocorrências de quantificadores na terceira posição não é muito diferente da primeira (133 na primeira para 108 na terceira posição).

Mesmo assim, não totalmente satisfeita com essas conclusões, Scherre resolveu acrescentar um novo item, mais abrangente, que explicaria melhor os resultados; a *relação com o núcleo no SN*, dividindo esta nova variável em; classe não nuclear anteposta ao núcleo, classe nuclear e classe não nuclear posposta ao núcleo. A conclusão a que chega é a seguinte;

“ Todos os elementos antepostos ao núcleo do SN, independentemente da posição que ocupam no SN, são sistematicamente muito marcados; o menor percentual de marca é da ordem de 91%. Podemos observar também que, relativamente aos antepostos, todos os elementos pospostos ao núcleo do SN são sistematicamente menos marcados.” (Scherre, 1992b; 58).

Com esta mesma visão. Dias (1993), ao confrontar suas análises às de Scherre (1988), comprova que seus resultados muito se assemelham aos de Scherre.

Com o objetivo de fazermos também comparações com o estudo de Scherre, resolvemos trabalhar da mesma forma. Analisaremos primeiramente a posição linear e a classe gramatical separadas, logo após faremos um cruzamento dessas duas variáveis e, por último, faremos a relação com o núcleo. Quanto às marcas precedentes, iremos falar em uma análise à parte.

## **NOSSA ANÁLISE**

Mesmo tendo a certeza de que a forma como Scherre trabalhou seus dados é a que melhor explica estas três variáveis em questão, resolvemos começar a nossa análise observando estas variáveis separadamente, com o objetivo de vermos qual o comportamento em nossos dados.

### **A) POSIÇÃO DOS ITENS NO SN**

Como o próprio nome diz, este grupo de fatores se refere à posição que cada elemento ocupa no SN.

A seguir, exemplificaremos as posições trabalhadas e colocaremos com letra maiúscula o item analisado.

- Primeira Posição

Tá aparecendo aí ALGUNS médico. (12PMAP)

Poderia vir FILMES instrutivos, né? (14PMBC)

Quando eu tinha Ôj^eus vinte ano, dezoito. (15FFBG)

- Segunda Posição

Eu fiquei lá um ano e treys MESES. (15FFBG)

Ele dizia que namorado não manda nos FILHO. (09FFAG)

Ela fica com as MINHAS criança pra gente í. (09FFAG)

-Terceira e Quarta Posições

Os meus PAIS que assinam. (OIPFAG)

Ela veio daquelas famílias AUSTRÍACAS. (24CMBC)

Cuida do teus próprios COLEGA. (12PMAP)

As primeras máquinas AUTOMÁTICA veio de Jundiai. (16IMAG)

Na primeira etapa do nosso estudo, não incluímos a variável *relação com o núcleo* para vermos o comportamento dos grupos de fatores *posição* e *classe gramatical*, pois estes foram os grupos de fatores considerados mais relevantes nos estudos anteriores aos de Scherre.

Nesta rodada, a variável *posição* é a segunda escolhida como estatisticamente mais relevante.

## TABELAI

### POSIÇÃO LINEAR DO ELEMENTO NO SN

Posição	Apl./Total % PRel.
Primeira	2042/2101 97% 0,77
Segunda	1577/2860 55% 0,33
Terceira e quarta	210/414 51% 0,27
Total	3829/5424 71%

Como já era esperado, a primeira posição é a mais marcada, havendo uma queda significativa para a segunda posição e esta, por sua vez, não difere muito da terceira e quarta posições.

### B) CLASSE GRAMATICAL DOS ITENS ANALISADOS

A classe gramatical foi dividida em;

- Substantivo

Eu não posso ver certas COISAS. (22FFBC)

Somos SÓCIOS fundadores do clube de DIRETORES lojistas. (24CMBC)

Passei em todas as MATÉRIAS. (24CMBC)

- Categoria Substantivada

É um dos MELHOR da... (OICMAP)

E os OTRO respondeu. (15CMBG)

Copiamo dessas ANTIGA e. .. (16PMAG)

- Adjetivo 1

Guardo BOAS recordações dos meus avós. (24CMBC)

Vejo nas escolas PÚBLICAS (15FFBG)

As PEQUENINHAS coisas que acontece. (03PMBG)

- Adjetivo 2\*

Com os PRÓPRIOS parente da... (12CFAG)

Foi um dos PRIMEROS veriadores que (16PMAG)

- Possessivo

É um do MEUS amigo (OIFAP)

Tenho muitos amigo MEU (OIFAP)

Só pro MEUS amigos e (02FMAP)

-Quantificador

Meus colegas TODO (02FMAP)

Ganhava livros TODOS os anos. (15FFBG)

---

\* - Foram considerados como adjetivo 2 itens do tipo *determinado, mesmo e próprio*, por terem classificação controversa pela gramática tradicional brasileira. (Scherre, 1988:150-1). Ainda neste mesmo gnqx> incluímos os numerais ordinais.

TODAS as barracas tinha laranja. (09FFAG)

- Indefinidos

Eu conheço ALGUNS lugares aqui (15FFBG)

Tenho POCOS fdhos (09FFAG)

CERTOS pormenores ficam (1IIFBC)

- Artigos e demonstrativos

Nóis ia nOS baile daí (06CFBP)

Eles dão UNS pacote de fósfiro (16IMAG)

O meu pai trabalho ESSES ano todo (23FMBC)

- Pronome pessoal

Eu mostro todos ELES (05FMBP)

Eu assisto todas ELAS (09FFAG)

Me dô com todos ELES (09FFAG)

Nesta etapa, a classe gramatical foi o primeiro grupo de fatores escolhido como estatisticamente mais relevante. É interessante salientar que, quando houve a interação com o grupo de fatores posição linear, os resultados alteraram significativamente. A seguir, apresentaremos os resultados estatísticos desta variável, sendo que a primeira probabilidade se refere ao input inicial, já a segunda é o resultado do ambiente estatisticamente mais relevante.

TABELA2  
CLASSE GRAMATICAL

Classe	Apl./Total	% PRel.	r. nível	PRel.
				nível final
Artigo	1608/1650	97%	0,89	0,77
Possessivo	146/150	97%	0,89	0,94
Indefinido	239/246	97%	0,88	0,76
Substantivo	1528/2872	53%	0,20	0,29
Cat. substantivada	33/58	57%	0,23	0,45
Adjetivo	172/268	64%	0,28	0,44
Adjetivo 2	29/36	81%	0,48	0,68
Pronome pessoal	5/6	83%	0,52	0,74
Quantificador	69/89	78%	0,43	0,44
Total	3829/5375	71%		

Como podemos ver na Tabela 2, os artigos, possessivos e demonstrativos são os que mais retêm a marca formal de plural. Os substantivos e categoria substantivada têm comportamento semelhante. Já os adjetivos 1 e 2 são mais marcados que os substantivos.

Os trabalhos anteriores (Cedergren, 1973; Poplack, 1977; e Guy 1981a; apud Scherre 1988) praticamente assumiam uma certa equivalência entre posição linear e classe gramatical, concordavam que a primeira posição tende a ser ocupada pelos determinantes, a segunda pelos substantivos e a terceira pelos adjetivos. Os nossos resultados, juntamente com os de Scherre (1978 e 1988), quebram essa confirmação e demonstram que essa equivalência não corresponde à realidade dos dados. Antes mesmo de passarmos às próximas análises, podemos perceber que nestes resultados há mais aplicação da regra nos adjetivos que nos próprios substantivos, quebrando de antemão esta equivalência assumida nos estudos referidos acima.

Para melhor compreendermos o comportamento da posição linear e classe gramatical, resolvemos cruzar estas duas variáveis antes mesmo de vermos a relação com o núcleo. Fizemos, portanto, uma rodada à parte na qual, sem dúvida alguma, o cruzamento destas variáveis foi estatisticamente o mais relevante. Convém salientar que nesta rodada o programa não selecionou as variáveis posição e classe isoladas.

TABELA 3

## CRUZAMENTO DE POSIÇÃO LINEAR E CLASSE GRAMATICAL

Classe		Posição de análise	Apl./Total	% PRel.	
Substantivo	1		112/120	93%	0,61
Substantivo	2		1279/2489	51%	<b>0,22</b>
Substantivo	3		137/263	52%	<b>0,20</b>
Cat. Substantivada	2		32/56	57%	0,38
Cat. Substantivada	3		1/1	50%	0,11
Adjetivo	1		19/19	100%	<b>+</b>
Adjetivo	2		90/125	72%	0,34
Adjetivo	3		63/124	51%	0,25
Adjetivo 2	2		28/35	80%	0,57
Adjetivo 2	3		1/1	100%	<b>+</b>
Alt. e demonst.	1		1557/1596	98%	0,85
Alt. e demonst.	2		51/54	94%	0,84
Possessivo	1		69/70	99%	0,91
Possessivo	2		75/77	97%	0,92
Possessivo	3		2/3	67%	0,61
Indefinido	1		222/227	98%	0,84
Indefinido	2		17/19	89%	0,75
Quantificador	1		62/67	93%	0,61
Quantificador	2		7/22	32%	0,25
Pron. pessoal	2		5/6	83%	0,64
Total			3829/5375	71%	

A partir desta tabela, podemos perceber que:

- A primeira posição é a que mais retém a marca formal de plural e não é ocupada só por determinantes, pois há um grande número de dados de substantivos e adjetivos nesta posição, inclusive com marcas de plural bastante altas - 0,61 e 100% respectivamente.
- Na segunda posição, o peso relativo dos substantivos, adjetivos e categoria substantivada cai significativamente. Mas com relação principalmente aos possessivos, indefinidos, artigos e demonstrativos a retenção da marca formal de plural é muito alta.
- Com relação à terceira posição, podemos perceber que há um grande número de substantivos ocupando-a, inclusive a quantidade de substantivos nesta posição é maior que a quantidade de adjetivos. Também encontramos quantificadores e possessivos nesta posição, o que mais uma vez contraria os estudos citados anteriormente (principalmente Guy) entre a relação direta de terceira posição e adjetivos.

Algumas perguntas como: por que os determinantes (possessivos, demonstrativos, artigos e indefinidos) na segunda posição possuem pesos relativos tão altos, e substantivos na terceira posição são mais marcados que na segunda, levaram Scherre a reformular o estudo da concordância, encontrando explicações em duas outras variáveis; relação com o núcleo do SN e marcas precedentes.

### C) RELAÇÃO COM O NÚCLEO

Esta variável diz respeito à maneira como os elementos se distribuem em relação ao núcleo do SN. Convém salientar que a dividimos também de acordo com a posição que cada elemento ocupa dentro do SN.

- Classe não nuclear anteposta ao núcleo na primeira posição;

Eu vô mesmo por causa dAS criança. (09FFAG)

Eru UNS baüe bom. (07FFBP)

Guardo BOAS recordações dos meus avós. (24CMCB)

- Classe não nuclear anteposta ao núcleo na segunda posição;

As PEQUENINHAS coisas que acontecem (03PMGP)

O MEUS pai tão... (13PMAG)

Eu tenho toda AS miniiias diária ali. (13PMAG).

- Classe nuclear na primeira posição;

Atirá em ÂNGULOS mortos. (23IMBC)

Ela é forte, OLHOS verde assim. (14FMBG)

Se eu tivesse CONDIÇÕES financera... (19FMAC)

- Classe nuclear na segunda posição;

Trabalhava de gerente nas BARRACA. (09FFAG)

Tinha nascido com vários PROBLEMA. (14FMBG)

Eu não posso vê certas COISAS. (22FFBC)

- Classe nuclear na terceira posição:

Todas as BARRACAS tinha laranja. (09FFAG)

O meus LIVRO eru... (OIFFAP)

Me dô com todos os VIZINHO. ((12CFAG))

- Classe não nuclear posposta ao núcleo na segunda posição;

São notas BRASILERAS, né? (24PMPB)

Blusa branca com botões AMARELOS. (15FFBG)

Comércios GRANDES não entram. (23PFAP)

- Classe não nuclear posposta ao núcleo nas demais posições:

Faço nas horas VAGA. (24PMBP)

Eu fiz os exames TODO. (09FFAG)

Ela veio daquelas famflias AUSTRÍACAS. (24CMBC)

Quando submetemos esta variável ao Programa VARBRUL juntamente com as variáveis posição linear e classe gramatical, apenas como teste, a relação com o núcleo foi a primeira variável selecionada como estatisticamente mais relevante, e o programa descartou

as outras duas variáveis citadas acima, o que comprova que esta variável é estatisticamente mais forte. Temos, portanto, como resultado:

TABELA4

DISTRIBUIÇÃO DAS CLASSES GRAMATICAIS DO SN EM FUNÇÃO DA POSIÇÃO  
E DA RELAÇÃO COM O NÚCLEO

Fatores	Apl./Total	%	PRel
Classe não nuclear 1ª posição	1929/1981	97%	0,85
Classe não nuclear anteposta 2ª posição	181/203	89%	0,72
Classe nuclear 1ª posição	113/120	94%	0,67
Classe nuclear 2ª posição	1320/2554	52%	0,23
Classe nuclear nas demais posições	140/268	52%	0,22
Classe não nuclear posposta 2ª posição	75/103	73%	0,32
Classe não nuclear posposta demais pos.	70/146	48%	0,25
Total	3829/5375	71%	

Segundo a Tabela 4, a classe nuclear (substantivo e categoria substantivada) na primeira posição tem peso relativo bastante alto (0,67), com uma queda significativa para a segunda posição (0,23) e esta, por sua vez, não difere em nada da terceira (0,22). Já a classe não nuclear anteposta ao núcleo na segunda posição tem peso relativo muito maior (0,72)

que a classe não nuclear posposta ao núcleo na mesma posição (0,32). Isso se deve ao fato de a classe não nuclear posposta na segunda posição ser geralmente ocupada por um adjetivo, neste caso, a estrutura sintagmática seria substantivo + adjetivo. Quanto à classe não nuclear posposta nas demais posições, já era esperado este peso relativo baixo (0,25), pois, neste caso, há principalmente adjetivo e quantificador ocupando estas posições.

Comparando os nossos resultados com os de Scherre (1993) temos:

TABELA 5  
RESULTADOS COMPARADOS: PESOS RELATIVOS

Fatores	Scherre (1993)	Nossos Dados
Classe não nuclear 1ª posição	0,87	0,85
Classe não nuclear anteposta T posição	0,86	0,72
Classe nuclear V posição	0,70	0,67
Classe nuclear 2ª posição	0,21	0,23
Classe nuclear nas demais posições	0,25	0,22
Classe não nuclear posposta 2ª posição	0,26	0,32
Classe não nuclear posposta demais pos.	0,13	0,25

Comparando os resultados podemos perceber que há bastante semelhança entre os nossos resultados e os de Scherre (1993): os elementos não nucleares na primeira e na segunda posição antes do núcleo são muito marcados, com uma queda significativa para os elementos de segunda e terceira posição pospostos ao núcleo.

Portanto, como conclui Scherre (1988) sobre estas variáveis em questão;

“...podemos verificar que o efeito da posição linear não tem a força que se supunha ter. O que existe é um jogo complexo de influências cruzadas de posição, classe nuclear/não nuclear e relação entre classe nuclear/não nuclear.” (Scherre, 1993:449)

#### D) *MARCAS PRECEDENTES*

Juntamente com a *posição linear* e a *classe gramatical* dos elementos analisados, as *marcas precedentes* também foram consideradas como um fator muito importante nos estudos da concordância.

A seguir, faremos um pequeno resumo, baseado em Scherre 1988 e 1992c, sobre a forma “uniforme” como as *marcas precedentes* foram trabalhadas:

Braga (1977) trabalha a variável *marcas precedentes* de forma binária: ausência ou presença de marca formal anterior ao elemento analisado, colocando o numeral no fator

ausência de marca de plural. Conclui que “tal comportamento evidencia uma tendência à eliminação da redundância, exigida pelas regras de concordância nominal.”(1977, apud Scherre, 1988:169).

Scherre (1978) trabalha de forma um pouco diferente da de Braga. Além de Scherre agrupar os nimerais no fator presença de marca formal, faz também um cruzamento parcial entre *marcas precedentes* e *posição*, ocorrendo então um fato inesperado: “a partir da T posição, a presença de uma marca formal em elementos precedentes favorecia mais marcas nos elementos seguintes do que a sua ausência.” (Scherre, 1992c: 864) .

Poplack (1980a) codifica esta variável em seis fatores que, na verdade, corresponde a um cruzamento do tipo de marcas precedentes em função da posição que o elemento ocupa. A conclusão a que chega é que: “marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros”. (1980a, apud Scherre, 1992c:861).

Guy (1981a) considera marcas precedentes e posição como duas variáveis separadas, por acreditar que é estatisticamente melhor. E ainda: “a análise que cruzar marcas precedentes e posição não é elegante e é grosseira”. (1981a, apud Scherre, 1988:172).

Scherre (1988) retoma novamente esta variável, trazendo evidências de que ela não havia sido trabalhada adequadamente. A variável marcas precedentes foi, então, vista por Scherre da seguinte forma:

1º Fator - Ausência - ausência de qualquer constituinte do SN precedendo o dado da 1ª posição.

2º Fator - Zero formal na T posição - é constituído por casos da primeira posição não formalmente marcados (0-f).

3º Fator - Constituído apenas por numerais na 1ª posição (N -).

4º Fator - Presença de marca formal na V posição (S -).

5º Fator - Núcleo semântico (sintagma preposicional) e presença de marca formal (S prep S -).

6º Fator - Núcleo semântico (sintagma preposicional) e ausência de marca formal de plural (S prep 0 -).

7º Fator - Presença de marca formal a partir da 1ª posição (SS-, SSS-).

8º Fator - Mistura de marcas, casos em que há pelo menos uma marca formal antes do elemento analisado (OS-, SM-, NS-, SN-, SSN-, OSN-, SSM-, NSM-, SSMM-, SSSMM-).

9º Fator - Zero formal a partir da primeira posição - casos em que entre a última marca formal e o elemento analisado tem que haver um zero em elemento que admite marca (SO-, NO-, SOO-, SSO-, SNO-, NOM-, SON, SOM, SOMM-).

## **NOSSA ANÁLISE**

Com o intuito de confrontarmos os nossos resultados com os de Scherre (1988), tomamos como base os seus fatores, com exceção dos *sintagmas preposicionais* (milhões de

coisas, cheio de plantinhas), pois resolvemos, no momento, não trabalhar com esses casos.

No que se refere aos *numerais*, subdividimos em dois grupos: numerais precedentes terminados em S - (dois, três) e numerais precedentes não terminados em S - (quatro, cinco).

0 nosso grupo de fatores *marcas precedentes* ficou assim subdividido:

1 - Posição de análise: Segunda.

1.1- Zero na primeira posição - os casos em que há zero na primeira posição:

0- Tinha a MINHAS amizades. (15CMBG)

No LUGARES que eu tava. (20FFAC)

1.2- Numerais precedentes terminados em S na primeira posição:

N- dez GRAMAS. (17PMAC)

trêys HORA. (OICFAP)

1.3 - Numerais precedentes não terminados em S na primeira posição:

N- oito mMÂOS. (02CMAP)

cinco ANOS. (17PMAC)

1.4- Presença de marca formal na primeira posição:

S- os IRMÃOS. (IOFMAG)

outras COISA. (06CFBP)

---

<sup>^</sup> - Os elementos entre parênteses devem ser lidos: 0 = elemento não marcado; N = numeral; S = elemento marcado; M = modificadores; - elemento de análise.

2 - Posições de análise: terceira e quarta.

2.1- Presença de marca formal a partir da primeira posição:

SS- os gêneros ALIMENTÍCIOS. (15FFBG)

SSS- dos teus próprios COLEGA. (12PMAP)

Nestes casos não pode haver numerais ou modificadores entre o elemento precedente e o elemento de análise.

2.2 - Mistura de marcas:

OS- O nieus FUNCIONÁRIO. (16IMBG)

NS- Trinta anos CONSECUTIVOS. (03PMBG)

SN- As deyz PESSOAS. (16IMBG)

SSN- Nos últimos trinta ANOS. (14PMBC)

OSN- Omeusdezoito ANO. (19FMBC)

SSM- Essas gerações mais NOVA. (23IMBC)

ON- Todo dois MESES. (23IMBC)

Nos casos citados no item 2.2, tem que haver pelo menos uma marca formal de plural precedendo o elemento analisado, sendo aceitos numerais ou modificadores entre o elemento precedente e o elemento de análise. O que não pode ocorrer é *zero* em elemento que admita marca formal de plural.

2.3 - Zero formal a partir da primeira posição;

SO- os ponto FRACO. (23PFAP)

NO- dois fardo GRANDE. (23PFAP)

SNO- uns duzentos e vinte metros QUADRADO. (19FMBC)

NOM- duas receitas bem LEGAL. (OIFFBP)

Neste caso, entre a última marca formal e o elemento analisado tem que haver um zero em elemento que admite marca. Também pode haver numeral ou modificador entre o elemento precedente e o elemento de análise.

O grupo de fatores *marcas precedentes* foi o segundo grupo escolhido como estatisticamente mais relevante. Como resultado, obtivemos;

TABELA 6

## MARCAS PRECEDENTES

Fatores	Posição de análise	Apl./Total	%	PRel.
Zero na T posição	2	55/55	100%	+
Numeral sem /S/	2	295/468	63%	0,64
Numeral com /S/	2	214/377	57%	0,56
Presença na T pos.	2	1020/1970	52%	0,46
Presença de marcas a partir da T pos.	3,4	142/207	69%	0,61
Mistura de marcas	3,4	61/133	46%	0,47
Zero formal a partir da r posição	3,4	9/76	12%	0,10
Total		1796/3286	55%	

A seguir, vamos comentar os resultados de acordo com as posições de análise.

*T* posição de análise - Os fatores que correspondem à segunda posição de análise são: *zero na primeira posição, numerais e marca formal na primeira posição.*

O fator *zero na pr//we/rajoj/ção*-é-o favorece mais marcas no segundo elemento (100%), pois, como não há marca formal na primeira posição, o segundo elemento tende a ser marcado, caso contrário, corre-se o risco de se perder a informação de plural. Convém salientar que 50% dos nossos dados ocorrem em estruturas do tipo; artigo + possessivo + substantivo. Sobre estes casos (OS), há duas posições que gostaríamos de discutir: a primeira é uma hipótese de Silva (apud Scherre 1988:164) em que “o falante tende a não analisar a contração do tipo *no* e *po* como dois morfemas: preposição e artigo.” E, segundo Scherre (1988:164): “...os nossos dados sugerem que o falante pode estar analisando esta contração como uma preposição, ou seja, como uma categoria que não se flexiona e, portanto, não apresenta marcas de plural”. Fizemos uma contagem dos nossos dados e percebemos que dos 33 casos de artigo + possessivo + substantivo, apenas 7 eram compostos de preposição + artigo, o restante era apenas “o” ou “a” sem preposição (a minhas amigadas, por exemplo). Portanto, para nossos dados esta é uma hipótese que não se confirma.

A segunda posição é sobre a influência da nasal que favorece o cancelamento (o meus, por exemplo), hipótese esta levantada por Guy e questionada por Scherre (1988:165): “de acordo com esta hipótese, como se explicaria a ausência de marcas diante do possessivo *teuT* Concordamos com Scherre neste sentido, pois em nossos dados a ocorrência dos possessivos *teu/tua* é bastante significativa.

Sobre os outros dois fatores: *presença de marca* e *numerais*, percebemos que os *numerais* favorecem mais marcas no elemento seguinte do que a *presença de marca*.

Sobre este caso há também duas versões que gostaríamos de mostrar:

A primeira é a de Scherre (1978), na qual afirma que:

“Numa linha nitidamente fiinfuncionalista kiparskiana, considera que o numeral favorece mais marcas nos dados dos falantes semi-escolarizados, porque ele tem apenas marca semântica de pluralidade e pode estar sendo menos percebido como plural do que aquele segmento precedente que tem a marca formal e, indubitavelmente, a idéia de plural nesta marca.” (Scherre 1978, apud Scherre 1988:173)

A segunda é a de Guy (1981a), numa linha não funcionalista kiparskiana:

“O contexto plural mais óbvio na fala de uma pessoa seria seguramente em um SN contendo um número que especificasse alguma quantidade plural. Então na situação de entrevista, esperar-se-ia que o falante do dialeto popular que está tentando acomodar a sua fala ao dialeto padrão do entrevistador “se corrigisse” mais neste ambiente plural mais óbvio.” (Guy, 1981a, apud Scherre, 1988:174)

Antes de comentarmos a conclusão de Scherre (1988), gostaríamos de mostrar um outro aspecto trabalhado no presente estudo: *numerais terminados em S e numerais não terminados em S*. Scherre (1988), perguntando-se se haveria alguma diferença entre estes numerais, resolveu fazer um levantamento em termos percentuais e concluiu que não havia diferenças entre esses numerais em questão. Mesmo assim, resolvemos separá-los, e os resultados foram significativos, como comprova a Tabela 6.

Para vermos como se comportam estes numerais em relação aos níveis de escolarização, resolvemos cruzá-los. O resultado obtido foi o seguinte:

TABELA 7

## RESULTADOS COMPARADOS; PESOS RELATIVOS

Todos Primário Ginásio		Colegial
Fatores PRel. PRel. PRel.		PRel.
Numerais sem S	0,64 0,66 0,67	0,64
Numerais com S	0,56 0,49 0,59	0,60
Marca na 1 <sup>a</sup> pos.	0,46 0,49 0,44	0,45

Como mostra a tabela 7, os numerais não terminados S (quatro, cinco) favorecem mais a marca de plural do que os numerais terminados em S (dois, seis) e esta diferença é mais acentuada nos informantes do primário (0,66 / 0,49), seguido do ginásial (0,67 / 0,59) e, no colegial, a diferença diminuiu significativamente (0,64 / 0,60). E ainda, se compararmos com marca na primeira posição (S-), apenas nos informantes do primário os numerais terminados em S têm o mesmo peso relativo (0,49). Podemos perceber, portanto, que a carga semântica dos numerais leva a mais marcas do que a marca formal de plural.

O que podemos concluir segundo esses resultados?

1") Concordamos, em parte, com Scherre 1978, se tomarmos como comparação os falantes semi-escolarizados, em que a "marca semântica de plural nos numerais pode não

estar sendo percebida pelos falantes semi-escolarizados”. Portanto, o fato de ter um S precedendo o elemento analisado dá a noção de pluralidade, sendo desnecessária a marcação do elemento seguinte.

2°) Discordamos de Guy (1981a), em forma de questionamento: se tomarmos como base a escolarização, por que os informantes do primário não têm comportamento idêntico em relação aos numerais em questão? Parece-nos, então, que neste ambiente, em relação apenas aos numerais, o plural não é tão óbvio.

3°) Scherre, sobre os numerais em questão, conclui que “os “esses” que conduzem a “esses” são apenas os que têm informação semântica de pluralidade”. (Scherre, 1988:236). E, segundo os nossos resultados, há uma leve tendência que mostra que não é apenas a carga semântica que conduz a outro S, principalmente com os informantes do primário. Vale salientar que quanto a isso temos algumas dúvidas as quais não poderemos solucionar neste estudo; como seria o comportamento desses numerais em informantes iletrados? Até que ponto estes informantes têm a noção da carga semântica de pluralidade dos numerais?

### 3° posição de análise

Quanto aos demais fatores: *presença de marca formal a partir da 1° posição, mistura de marcas e zero formal a partir da primeira posição*, podemos perceber que a *presença de marca formal na primeira posição (SS-)* favorece mais marcas (0,61), com

uma queda acentuada para o fator *mistura de marcas* (0,47) e, por último, o que menos favorece é o fator *zero formal a partir da primeira posição*, que teve peso relativo de 0,10.

Comparando os nossos resultados com os de Scherre com todos os fatores tivemos;

TABELA 8

RESULTADOS COMPARADOS: PESOS RELATIVOS;

Fatores	Posição de análise	Scherre (1988)	Nossos dados
Zero na r posição	2	+	+
Numeral sem /S/	2	-	0,64
Numeral com /S/	2	0,63	0,56
Presença na 1 <sup>®</sup> pos.	2	0,55	0,46
Presença de marcas a partir da T pos.	3,4	0,60	0,61
Mistura de marcas	3,4	0,41	0,47
Zero formal a partir da r posição	3,4	0,06	0,10

Como podemos perceber, apesar de nossos pesos relativos terem sido mais baixos que os de Scherre, há uma certa equivalência entre eles, excetuando-se os numerais, pois tiveram análises diferentes.

Portanto, os nossos resultados também mostram que: marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros e, como conclui Scherre “marcas de uma só natureza SS(S) conduzem mais marcas do que uma só marca ou marcas de natureza distinta, evidenciando-se a força do paralelismo formal no processamento das unidades lingüísticas.” (1988:208)

Para finalizar este grupo de variáveis em questão, concluimos que:

1 - Não é só a *posição linear* a responsável pela ausência e/ou presença de marca formal de plural.

2 - A variável mais significativa para este estudo foi o cruzamento entre *posição linear e relação com o núcleo*.

3 - Quanto à variável *marcas precedentes*, percebemos nitidamente que a presença de duas ou mais marcas formais precedendo o elemento de análise favorece mais marcas no segmento seguinte do que zero formal a partir da primeira posição, evidenciando-se a força do paralelismo formal.

#### **4.3.2. SALIÊNCIA FÔNICA - PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS DE FORMAÇÃO DO PLURAL E TONICIDADE DOS ITENS LEXICAIS.**

Os primeiros estudos visando à saliência fônica, no Brasil, foram feitos por Lemle e Naro (1974 - 1976) em pesquisa sobre concordância verbal. Na época, os autores acima citados concluíram que as formas mais salientes, por serem mais perceptíveis, são mais marcadas do que as formas menos salientes.

Este tema foi retomado por Braga e Scherre (1976) em pesquisa sobre a concordância de número. Neste estudo, a saliência foi dividida em cinco níveis: a) plural duplo (ovo, ovos); b) acréscimo de -S e mudança silábica (coração/corações, papel/papéis); c) acréscimo de -ES em palavras terminadas em -R (cor/cores); d) acréscimo de -ES em palavras terminadas em -S (mês/meses) e, por último, acréscimo de -S em palavras de plural regular (casa/casas). A conclusão chegada no presente estudo foi a mesma a que chegaram Lemle e Naro (1974 - 1976): formas mais salientes favorecem mais marcas que formas menos salientes.

Braga (1977) e Scherre (1978), em suas dissertações de mestrado, analisando a concordância de número em diferentes situações extra-lingüísticas, concluem que: a classe média e média alta favorecem a presença de concordância de acordo com o grau de saliência (Braga), o mesmo ocorrendo com os níveis de escolarização: quanto maior o grau de escolarização dos informantes maior concordância estes farão (Scherre). A divergência nestes dois estudos é quanto à forma considerada não-padrão (mese, mulhere). Braga considerou

estes itens como não aplicação da regra, Scherre considerou estas formas como aplicação da regra.

Guy (1981a) subdivide esse grupo de fatores em sete níveis: 1º) separando os itens que apresentam alteração silábica de duas formas - os terminados em -ÃO (coração/corações) dos terminados em -L (papel/papéis); 2º) separando o item *vez* dos demais itens terminados em -S, devido à expressão “às vezes”.

Nesta nova forma de analisar a concordância, Guy conclui, de uma forma geral, que há um nível desfavorecendo a concordância, os itens terminados em -ÃO, -L e regulares, e outro nível favorecendo, os itens terminados em consoantes, no caso -R e -S.

Outro aspecto inovador no estudo de Guy (1981a) diz respeito à tonicidade da sílaba, incluído no eixo da saliência fônica, em que as sílabas tônicas tendem a ser mais marcadas.

Scherre (1988), em sua “reanálise”, trabalha com os itens: processos morfofonológicos, tonicidade da sílaba, e introduz um novo item: número de sílabas dos itens lexicais singulares. As conclusões de Scherre (1988), sobre esta nova forma de analisar a saliência fônica, serão comentadas durante as análises dos nossos dados.

## NOSSA ANÁLISE

### A) PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS DE FORMAÇÃO DO PLURAL

Neste nosso estudo, fizemos uma alteração em relação à “reanálise” (Scherre, 1988): separamos os itens lexicais regulares terminados em -ÃO (irmão/irmãos) dos demais regulares.

Nosso grupo de fatores ficou assim subdividido:

1 - Plural duplo - alternância vocálica e acréscimo de -S:

QLHOS verde. (14FMBG)

os AVÓS. (OICFAP)

2 - Itens terminados em -L - alterações silábicas e acréscimo de -S:

CARNAVAIS antigo. (10IFBG)

todos ALUGUÉIS. (12PMAP)

3 - Itens terminados em -R - acréscimo de -ES:

os MENOI<sup>^</sup>. (10FMAG)

dos MORADOI<sup>^</sup>. (16IMAG)

4 - Itens terminados em -S - acréscimo de -ES;

cinco MESES. (OIIFAP)

os RPAZM.(OIPFAG)

5 - Itens terminados em -ÃO - alteração silábica e acréscimo de -S;

outras INTENÇÕES (19FMAC)

as PROMOÇÕES (17PMAC)

6 - Plural regular - apenas acréscimo de -S:

NAS FÁBRICAS. (OIPFAG)

PELOS ALUNOS. (IIFBC)

7 - Plural regular dos itens terminados em -ÃO - apenas acréscimo de -S;

oito IRMÃOS (02CMAP)

os GRÃOS. (07FFBP)

Como resultado desse grupo de fatores, obtivemos:

TABELA 9

## PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS DE FORMAÇÃO DE PLURAL

Processos	Apl./Total	%	PRel.
Duplo	25/35	71%	0,81
Terminado em -L	58/73	79%	0,78
Terminado em -ÃO (ÕE)	79/103	77%	0,75
Terminado em -R	85/116	73%	0,74
Terminado em -S	52/77	68%	0,59
Regular	3503/4925	71%	0,48
Regular em -ão	27/46	59%	0,63
Total	3829/5375	71%	

Pelos resultados da Tabela 9, podemos perceber que a diferença é mínima entre os plurais duplos, itens terminados em -L e itens terminados em -ÃO com alterações silábicas e itens terminados em R, fatores estes que obtiveram o maior peso relativo. Em seguida encontram-se os itens terminados em -S (0,59). Já os itens terminados em -ÃO (0,63) mostram uma diferença significativa para os demais itens regulares (0,48), que foram os menos marcados.

Portanto, estes resultados evidenciam as mesmas conclusões obtidas nos estudos anteriores; formas mais salientes são mais marcadas.

A seguir, na próxima tabela, vamos comparar nossos dados com os de Scherre (1988).

TABELA 10

RESULTADOS COMPARADOS: PESOS RELATIVOS

Processos	Scherre (1988)	Nossos dados
	PRel.	PRel.
Duplo	0,86	0,81
Terminado em -L	0,56	0,78
Terminado em ãO (ÕE)	0,42	0,75
Terminado em -R	0,48	0,74
Terminado em -S	0,38	0,59
Regul <sup>^</sup>	0,24	0,48
Regular em ãO		0,63

Apesar de nossos pesos relativos terem sido mais altos que os de Scherre (com exceção dos plurais duplos), podemos perceber que há uma certa hierarquia entre os resultados. É importante salientar que Scherre (1988) esperava em seus resultados um comportamento semelhante dos itens não regulares terminados em -ãO e dos itens

terminados em -L, por terem formas parecidas no plural, o que não ocorreu. Nos nossos resultados, estes itens possuem pesos relativos bastante próximos (0,81 / 0,78).

Antes de vermos as variáveis *tonicidade* e *número de sílabas*, gostaríamos de apresentar os resultados obtidos do cruzamento de *processos morfofonológicos* e *escolaridade*.

TABELA -11

PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS E NÍVEIS DE ESCOLARIZAÇÃO

RESULTADOS COMPARADOS: PESOS RELATIVOS

Processos	Todos	Primário	Ginásio	Colegial
	PRel.	PRel.	PRel.	PRel.
Duplo	0,81	0,82	0,80	0,87
Terminado em -L	0,78	0,61	0,61	0,88
Terminado em -ÃO (ÕE)	0,75	0,68	0,78	0,90
Terminado em -R	0,74	0,70	0,78	0,70
Terminado em -S	0,59	0,70	0,54	0,64
Regular	0,48	0,48	0,48	0,47
Regular em -ÃO	0,63	0,61	0,83	0,47

A partir desta tabela, podemos perceber que excluindo os itens regulares, de um modo geral, há uma tendência favorecendo a marca formal no colegial. Mas os casos mais discutidos por Scherre (1988) dizem respeito aos itens terminados em -L e aos itens terminados em -ÃO.

Guy (1981a) afirma que não há diferenças entre s itens irregulares terminados em -ÃO e os itens terminados em -L dos demais itens regulares, por terminarem em som de vogal.

Scherre (1988) discorda desta afirmação e demonstra em seus resultados que a diferença é bastante significativa, principalmente quando faz análises separadas por níveis de escolarização.

Segundo os nossos resultados, se compararmos a rodada em que os informantes foram analisados em conjunto, a diferença é mínima entre os itens terminados em -L (0,78) e em -ÃO (0,75), mas há uma diferença bastante significativa para os itens regulares (0,48).

Agora, no momento em que fizemos rodadas separadas por níveis de escolarização, tabela 11, podemos perceber que há uma grande diferença, principalmente nos itens terminados em -ÃO.

No português, os itens terminados em -ÃO são categorias flutuantes em relação à formação do plural, e podem realizar-se de três formas: em -ÃOS (mão/mãos); em -ÃES (alemão/alemães) e -ÕES (coração/corações). (Rocha Lima, 1973, apud Scherre, 1989:317). Segundo Scherre (1989:318)\*®, o fato do -ÃO ser uma categoria flutuante em relação à formação de plural gera incerteza nos falantes que, por isso, tendem a evitar o plural. Ainda, segundo a autora acima citada: “Esta é uma hipótese bastante sedutora e que poderia se aplicar a todos os casos de ausência de marca nos nomes irregulares em -ÃO. É possível imaginar que esteja ocorrendo um processo de regularização, e, uma vez que os itens são regularizados, eles são pouco marcados, como todo e qualquer regular.” (Scherre, 1989:318)

Scherre ainda salienta, para o fato de haver comprovação dessa hipótese, os itens regulares terminados em -ÃO (irmão, mão) deveriam apresentar menos concordância que os demais itens regulares. Sendo assim, Scherre recodificou seus dados por níveis de escolarização e comprovou que há uma leve tendência para a comprovação da hipótese acima, o único problema reside no pequeno número de dados, que não dão subsídios para afirmações mais concretas.

Pelos nossos resultados, com exceção do colegial, os pesos relativos mostram o oposto: os itens regulares terminados em -ÃO têm pesos relativos maiores que os itens regulares. Atribuímos os nossos resultados a duas questões: T) a quantidade de dados dos regulares terminados em -ÃO é muito pequena para qualquer afirmação, e 2º) dos 46 dados

---

<sup>10</sup> - Scherre (1989) cf. Naro, 1981, p. 15, nota de rodapé.

destes itens em questão, tivemos: 42 exemplos da palavra *irmão*, 2 exemplos da palavra *grão* (todos os dois sem marca formal de plural), 1 exemplo da palavra *órgão* e 1 exemplo da palavra *mão*. O que podemos perceber é que mesmo sem levar em consideração a questão da escolarização, em que o falante internaliza as regras gramaticais do que é considerado “certo” e “errado”, a palavra *irmãos* não deixa dúvidas da sua forma de pluralização por ser muito usada no dia-a-dia de todos nós. Entretanto, também não podemos comprovar esta hipótese, devido ao pouco número de dados.

Quanto aos outros fatores não há dúvidas que, mesmo nos diferentes níveis de escolarização, formas mais salientes são mais marcadas. E, também não concordamos com Guy (1981a) sobre os itens terminados em -L, -ÃO e os regulares terem o mesmo comportamento por terminarem em vogal já que a escolarização demonstra o oposto.

Numa outra etapa de nossa análise, resolvemos agrupar os itens regulares terminados em -ÃO aos demais itens regulares e analisamos apenas o comportamento dos *subsúctivos*, *categorias substantivadas* e *adjetivos*, classes estas que estão mais sujeitas a alterações na passagem do singular para o plural, pois, de uma forma geral, nos *artigos*, *possessivos indefinidos* e *quantificadores*, ou seja, nos determinantes, há apenas o acréscimo de /S/.

Como resultado dessa nova análise, tivemos:

TABELA 12

PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS DOS SUBSTANTIVOS, CATEGORIAS  
SUBSTANTIVADAS E ADJETIVOS POR NÍVEIS DE ESCOLARIZAÇÃO

Processos	Primário	Ginásio	Colegial
	PRel.	PRel.	PRel.
Duplo	0,78 [0,78]	0,81 [0,79]	0,89 [0,86]
Terminado em -L	0,77 [0,78]	0,62 [0,60]	0,87 [0,88]
Terminado em ãO (OE)	0,52 [0,55]	0,78 [0,78]	0,90 [0,89]
Terminado em -R	0,60 [0,58]	0,76 [0,74]	0,72 [0,71]
Terminado em -S	0,58 [0,59]	0,52 [0,54]	0,64 [0,61]
Regular	0,48 [0,49]	0,47 [0,49]	0,47 [0,44]*

\* Os pesos relativos entre colchetes referem-se a análise com todos os itens trabalhados, ou seja, incluindo os determinantes.

Se compararmos as Tabelas 11 e 12, podemos perceber que praticamente não existem diferenças entre os dois resultados:

- Em relação aos *itens regales* praticamente não houve alterações nos três *níveis de escolarização*. E o acréscimo dos itens regulares terminados em -ãO aos demais itens regulares não alterou os dados, a princípio não há motivos para uma separação dos mesmos.

- Quanto aos itens irregulares, percebemos que, com o aumento do nível de escolarização há, também, um aumento nos pesos relativos atribuídos a estes itens.

- E, para finalizar, podemos notar que mesmo excluindo os determinantes, não há alterações significativas nos pesos relativos, portanto, é indiferente uma análise em que considera os determinantes e uma que desconsidera.

## B) TONICIDADE DOS ITENS LEXICAIS

Juntamente com os *processos morfofonológicos*, a *tonicidade dos itens lexicais* tem importância significativa no estudo da concordância de número.

A proposta de se trabalhar a tonicidade dos itens lexicais no eixo da saliência fônica foi iniciada por Naro (1981a), nos estudos da concordância verbal, a qual foi retomada por Guy (1981a).

Scherre (1988), além de analisar as duas variáveis acima, inclui uma nova variável a este estudo: o *número de sílabas do item lexical*, a qual não se mostrou relevante. A esta não relevância da variável *número de sílabas*, Scherre atribui:

“1) 90% dos casos de monossílabos ocorrem antepostos ao núcleo, sendo 81% artigos e 09% possessivos, os quais são marcados por esta razão e não por serem monossílabos;

2) Os 10% restantes são todos tônicos e são marcados por causa da tonicidade e não pelo número de sílabas.” (Scherre, 1988:82)

Sobre os *processos morfofonológicos* e *tonicidade lexical*, Scherre (1989) conclui que há uma estreita dependência entre estas duas variáveis e a melhor alternativa de análise é aquela que as considera em um só grupo de fatores.

Convém salientar que Naro (1981a) analisa a *tonicidade* na forma plural. Guy (1981a) não deixa claro a forma como analisou seus dados e Scherre (1988) analisa estes itens na forma singular. (Scherre, 1988:75)

Neste estudo, nós também analisamos a *tonicidade dos item lexicais* na forma singular. Concordamos com Scherre que esta é a forma mais coerente de análise.

0 nosso grupo de fatores *tonicidade dos itens lexicais* ficou subdividido em:

- 1 - Oxítonos e monossilabos tônicos;
- 2 - Paroxítonos e monossilabos átonos;
- 3 - Proparoxítonos.

Numa primeira etapa de nossa análise, a *tonicidade dos itens lexicais* foi composta por todos os dados, ou melhor, incluímos na análise todas as classes gramaticais de nosso estudo.

Já na segunda etapa, quando trabalhamos apenas com os *substantivos, categorias substantivadas e adjetivos*, ela se mostrou uma variável forte, diferindo da variável *processos morfofonológicos*, na qual os resultados mantiveram-se inalterados.

A partir de agora, a nossa variável *tonicidade dos item lexicais* será vista levando em consideração esta segunda análise, ou seja, considerando apenas os *substantivos, categorias substantivadas e adjetivos*.

TABELA 13

TONICIDADE DOS SUBSTANTIVOS, CATEGORIAS SUBSTANTIVADAS E  
ADJETIVOS

Fatores	Apl./Total %	PRel.
Oxítono e monossílabo tônico	391/569 69%	0,58
Paroxítono	1278/2513 51%	0,48
Proparoxítono	93/152 61%	0,47
Total	1762/3234 54%	

Como podemos constatar, *oxítonos e monossílabos de emprego tônico* são os que mais retêm a marca formai de plural, seguido dos *paroxítonos* e dos *proparoxítonos*.

Comparando os nossos dados com os de Scherre (1988):

TABELA 14

## RESULTADOS COMPARADOS; PESOS RELATIVOS

Fatores PRel.	Scherre (1988)	Nossos dados PRel.
Oxítono e mon. tônico	0,66	0,58
Paroxítono	0,39	0,48
Proparoxítono	0,44	0,47

Os dois resultados mostram que os *oxítonos* e *monossílabos tônicos* são os itens mais marcados nos dois estudos. A divergência se dá com os *paroxítonos* e os *proparoxítonos*. Nos estudos de Scherre (1988) os *proparoxítonos* são mais marcados que os *paroxítonos*, no nosso estudo ocorreu o oposto.

Numa terceira etapa desta análise, resolvemos cruzar os grupos de fatores *processos* e *tonicidade*, ou melhor, considerá-los em um mesmo grupo (Scherre 1989:306). A título de experiência, submetemos ao programa VARBRUL as variáveis; *processos*, *tonicidade* e o *cruzamento de processos e tonicidade*. Neste momento o programa descarta as variáveis *processos* e *tonicidade* e seleciona como estatisticamente relevante as *variáveis cruzadas*. Este é, portanto, mais um indicio de que estas variáveis devem ser trabalhadas em conjunto e não separadas, mostrando a dependência entre elas.

Scherre (1989) propôs uma nova alteração a estas duas variáveis que ficaram subdivididas em: 1) itens regulares oxítonos; 2) itens regulares paroxítonos; 3) itens regulares proparoxítonos; 4) plurais duplos oxítonos e paroxítonos; 5) itens terminados em -L oxítonos e paroxítonos; 6) itens terminados em -R oxítonos e paroxítonos; 7) itens terminados em -ÃO oxítonos e 8) itens terminados em -S oxítonos.

Fizemos também essas alterações em nossas análises e obtivemos como resultado;

TABELA 15

PROCESSOS E TONICIDADE DOS SUBSTANTIVOS, ADJETIVOS E CATEGORIAS  
SUBSTANTIVADAS

Saliência Fônica	Apl./Total	%	PRel.
Duplo	25/35	81%	0,81
Terminado em -L	57/77	77%	0,77
Terminado em ãO (OE)	79/103	74%	0,74
Terminado em -R	85/116	73%	0,73
Terminado em -S	52/77	68%	0,58
Regular oxitono	108/192	56%	0,54
Regular paroxítono	1263/2487	51%	0,46
Regular proparoxítono	93/152	61%	0,45
Total	1762/3234	54%	

Como podemos ver nesta tabela, os *itens regulares* continuam sendo os menos marcados e seguindo a mesma ordem da *tonicidade*. os *regulares oxítonos* com mais marcas (0,54), seguido dos *paroxítonos* (0,46) e *proparoxítonos* (0,45), estes dois últimos são praticamente iguais em pesos relativos.

Quanto aos demais itens, podemos perceber que praticamente não houve mudanças significativas, apenas uma leve queda nos itens *plurais duplos*.

TABELA 16

PROCESSOS E TONICIDADE DOS SUBSTANTIVOS, ADJETIVOS E CATEGORIAS  
SUBSTANTIVADAS POR NÍVEIS DE ESCOLARIZAÇÃO  
RESULTADOS COMPARADOS: PESOS RELATIVOS

	Todos	Primário	Ginásio	Colegial
Saliência Fônica	PRel.	PRel.	PRel.	PRel.
Duplo	0,81	0,82	0,81	0,86
Terminado em -L	0,77	0,84	0,61	0,88
Terminado em ÃO (OE)	0,74	0,64	0,78	0,89
Terminado em -R	0,73	0,70	0,76	0,71
Terminado em -S	0,58	0,69	0,52	0,61
Regular oxitono	0,54	0,58	0,53	0,46
Regular paroxitono	0,46	0,46	0,47	0,44
Regular proparoxítono	0,45	0,51	0,46	0,48

Como podemos perceber, praticamente não houveram mudanças muito significativas, apenas os itens *irregulares terminados em ão* se mostraram mais coerentes de acordo com os *níveis de escolarização*.

Agora, se não aconteceram tantas alterações entre a análise em que consideramos os *processos* separados da variável *tonicidade* (incluindo a separação dos *itens regulares terminados em -ão*) e a análise em que consideramos os *processos* e *tonicidade* em um só grupo, por que optar por uma ou outra? Ou, qual a análise mais coerente? Estas explicações o próprio programa computacional, no caso o VARBRUL, indica qual a variável mais significativa. No nosso caso, a variável estatisticamente mais relevante foi a variável *processos* e *tonicidade* num só grupo de fatores, ou seja, a última etapa deste estudo.

Outro fator importante constatado por Scherre (1988) foi o da sobreposição exercida pela *tonicidade* sobre os *processos morfofonológicos*. Numa análise em que não se considera a variável *tonicidade*, os pesos relativos associados aos itens considerados como *processos* sofriam alterações, mostrando a influência da *tonicidade* sobre os *processos morfofonológicos*.

### 4.3.3. CONTEXTO SEGUINTE

O contexto seguinte foi trabalhado, nos estudos da concordância, praticamente sob duas formas:

1) Primeiramente visando os papéis da consoante, vogal e pausa seguintes, em que todos os trabalhos já citados anteriormente não mostraram diferenças significativas, principalmente sobre a vogal e a consoante. Sobre a pausa seguinte, há controvérsias: Cedergren (1973) afirma que a pausa não é relevante para a queda do S; Poplack (1980a) conclui que a pausa favorece mais o cancelamento do S que vogais e consoantes; e Guy (1981a) e Braga (1977) concluem que vogais e consoantes favorecem mais o cancelamento do S que a pausa. Já Scherre (1988) conclui que tanto a vogal quanto a pausa favorecem mais o cancelamento do S quando seguidas de itens lexicais terminados em -S e -R do que quando seguidas de itens regulares.

2) Na tentativa de um melhor entendimento sobre o comportamento do contexto seguinte. Braga (1977), Guy (1981a) e Scherre (1979) introduzem um novo fator a este estudo: o papel dos traços nas consoantes, cujo traço mais significativo foi o [+ surdo] que tende a ser mais preservado que o sonoro.

Scherre (1988) “reanalisa” esta variável, levando em consideração o ponto de articulação (lábil, dental/alveolar e velar); o papel das cordas vocais (surdo e sonoro) e

caixas de ressonância (nasal e oral). Conclui que a influência é bastante fraca sobre o cancelamento do S nestes itens.

Neste nosso estudo, resolvemos trabalhar o contexto seguinte levando em consideração apenas a pausa, a consoante e a vogal, que foram os itens mais controversos dos estudos anteriores. Decidimos não trabalhar com os traços da consoante por não terem sido muito significativos, principalmente nos estudos de Scherre (1988).

## **NOSSA ANÁLISE**

Creemos que não há necessidade de exemplificações para este grupo de fatores por serem óbvios, apenas gostaríamos de salientar que a pausa pode ser encontrada também no meio de um SN (pausa interna, como denominou Scherre), como no exemplo: “era dessas bonecas 05 cara”“(20FFAC).

Este grupo de fatores foi o último selecionado como estatisticamente mais relevante. Vale salientar que em todas as “rodadas” (por escolaridade, etnia e nas próprias rodadas experimentais) esta variável é sempre a última a ser escolhida como estatisticamente relevante.

---

" - Esta numeração colocada entre o SN corresponde a pausa em ambientes em que normalmente não existiria a pausa. Portanto uma pausa 05 significa uma pausa breve, ou pausa de vírgula como estamos acostumados e uma pausa 06 corresponde a uma pausa de ponto, ou pausa mais longa. Esta metodologia é utiWyadsi nas transcrições de entrevistas do Projeto VARSUL.

Como resultado, obtivemos:

TABELA 17  
CONTEXTO SEGUINTE

Fatores	Apl./Total	%	PRel.
Pausa	525/887	59%	0,56
Consoante	2474/3346	74%	0,48
Vogal	830/1142	72%	0,51
Total	3829/5375	71%	

As diferenças, como podemos ver, não são muito significativas entre pausa, consoante e vogal. Portanto, não difere muito dos trabalhos anteriores.

Com base nas considerações de Scherre (1988) sobre a influência positiva da pausa nos itens terminados em -R e -S, resolvemos fazer uma nova análise separando os itens regulares e os itens citados acima. Como resultado, obtivemos:

TABELA 18

CONTEXTO SEGUINTE DOS ITENS REGULARES, ITENS TERMINADOS EM -S E

ITENS TERMINADOS EM -R

Itens regulares Itens terminados em -S Itens terminados em -R

Fatores Apl./Total % PRel. Apl./Total % PRel. Apl./Total % PRel.

---

Pausa	438/781	56%	0,56	20/22	91%	0,89	19/23	83%	(0,63)
Consoante	2325/3139	74%	0,48	22/33	67%	0,45	50/69	72%	(0,49)
Vogal	767/1051	73%	0,51	10/22	45%	0,14	16/24	67%	(0,42)*

---

Total	3530/4971	71%		52/77	68%		85/116	73%	
-------	-----------	-----	--	-------	-----	--	--------	-----	--

Em relação à pausa, podemos perceber que os itens terminados em -R e -S são bem mais favorecedores da manutenção do -S que os itens regulares.

Quanto à consoante, não há diferença significativa entre os itens regulares, os itens terminados em -S e os itens terminados em -R.

Em relação à vogal, podemos ver que os itens terminados em -S são os que têm pesos relativos mais baixos, ou seja, o cancelamento do -S mōrfemico é maior que nos itens terminados em -R e nos itens regulares.

Por outro lado, se compararmos apenas por itens, podemos perceber que se mantém a mesma hierarquia: a vogal favorecendo mais o cancelamento do -S m̃orfemico, seguido da consoante e, por último, da pausa.

Os nossos resultados muito se assemelham aos de Scherre (1988), como podemos constatar na tabela abaixo:

TABELA 19

ITENS REGULARES

RESULTADOS COMPARADOS: PESOS RELATIVOS

fatores	Scherre (1988) PRel.	Nossos dados PRel.
Pausa	0,56	0,56
Consoante	0,44	0,48
Vogal	0,50	0,51

TABELA 20

## ITENS TERMINADOS EM -S

## RESULTADOS COMPARADOS: PESOS RELATIVOS

fatores	Scherre (1988)	Nossos dados
	PRel.	PRel.
Pausa	0,81	0,89
Consoante	0,58	0,45
Vogal	0,14	0,14

TABELA 21

## ITENS TERMINADOS EM -R

## RESULTADOS COMPARADOS: PESOS RELATIVOS

fatores	Scherre (1988)	Nossos dados
	PRel.	PRel.
Pausa	(0,71)	(0,63)
Consoante	(0,36)	(0,49)
Vogal	(0,42)	(0,42)

Como podemos perceber, os pesos relativos são muito semelhantes e, o mais importante: a hierarquia é a mesma para ambos os estudos,

A conclusão de Scherre (1988) sobre o comportamento do contexto seguinte é, portanto; o maior cancelamento do -S morfológico diante de consoante do que de vogal, nos itens terminados em -R e -S, não é devido à tendência do padrão CV, e sim a um outro fator que Scherre explica da seguinte forma:

“Ocorre, nestes casos, o fenômeno da haplologia - processo morfológico que consiste na supressão de uma ou de duas sílabas iguais contíguas. Este fenômeno se aplica essencialmente nos casos mês/meses. Inserindo-se a marca de plural em casos seguidos de vogal, vamos ter duas sílabas muito semelhantes, fato que não ocorre quando eles forem seguidos de uma consoante. Nada mais natural, portanto, que a vogal desfavoreça a aplicação da regra e que a consoante a favoreça”. (Scherre, 1979, apud Scherre, 1988:244)

Scherre conclui também que há “uma influência ligeiramente positiva da pausa nos itens regulares e especialmente forte nos itens terminados em -S.” (Scherre, 1988:255). Concordamos perfeitamente com as conclusões de Scherre, os nossos dados também comprovam isto.

#### 4.3.4, CARACTERÍSTICAS LEXICAIS DOS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS

O estudo sobre as características lexicais dos substantivos e adjetivos foi de iniciativa de Scherre (1988) com base em Rocha Lima:

“conservam-se geralmente no singular os nomes de massas, que, em razão de não se poderem contar por unidades, não comportam a noção de plural.” (Rocha Lima, 1983, apud Scherre, 1988:265). Scherre então levantou a “hipótese de que os nomes [+ concretos], [+ específicos] e [+ contáveis] apresentassem maiores índices de concordância do que [+abstratos], [+genéricos] e [- contáveis].” (Scherre, 1988:265).

Ao fazer um levantamento em seus dados, Scherre percebeu que havia uma oposição muito evidente entre os itens lexicais genéricos: o substantivo *coisa* com 36% de aplicação da regra e o substantivo *pessoa* com 82%. E, sendo assim, o fato de um substantivo ser + ou - genérico não é relevante, e sim o traço + ou - humano, com maior marcação no traço [+ humano]. Dentro desta visão, outro aspecto chama a atenção de Scherre: o fato de certos substantivos considerados [+ humanos] terem maior marcação de plural que outros. E, então, percebeu uma nova variável dentro deste fator: os substantivos + informais e - informais, em que os itens - informais são mais marcados.

## NOSSA ANÁLISE

Neste nosso estudo, analisamos apenas a animacidade dos substantivos, ou seja, o traço [+ ou - humano], Resolvemos não trabalhar com a informalidade ou não-informalidade por termos dúvidas sobre a classificação de certos substantivos levando em consideração esta variável. Convém salientar que as entrevistas utilizadas para este estudo preveém o informante em situação normal de fala, ou seja, o mais próximo do falar cotidiano, e, por este motivo, toma-se difícil o controle desta variável.

### A) ANIMACIDADE DOS SUBSTANTIVOS

Em relação à animacidade dos substantivos a nossa variável ficou assim subdividida;

[- humano]

afiando as FACA (09PFBC)

levantei as PAREDE (23FMBC)

[+ humano]

tenho três FILHOS (05IFAC)

as CRIANÇAS ficam só (1IIFBC)

Esta variável não foi considerada como estatisticamente relevante, como podemos ver:

TABELA 22

## ANIMACIDADE DOS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS

Fatores	Apl./Total %		PRel.
+ humano	440/816	54%	(0,50)
- humano	1141/2141	53%	(0,50)
Total	1581/2957 53%		

O peso relativo foi absolutamente igual para ambos os itens. Inclusive estes pesos relativos mantiveram-se os mesmos desde o primeiro nível até o nível de análise, sendo que nenhuma outra variável mostrou interferência nesta variável em questão.

Portanto, em nossos dados percebemos que esta variável não interfere na aplicação da regra de concordância.

Gostaríamos de salientar que esta variável também não se mostrou como uma variável forte nos estudos de Scherre (1988). Na análise não atomística, inclusive, esta variável não foi selecionada como estatisticamente relevante

## **B) GRAU DOS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS**

O grau dos substantivos também foi considerado por Scherre como uma variável lexical, já que possui carga semântica de “tamanho”, de “afetividade” e de “pejorativo”, que são traços que combinam com o traço da “informalidade” (Scherre, 1988:267). Portanto, espera-se que o grau do substantivo seja relevante na aplicação da regra de concordância.

Neste nosso estudo, fizemos uma divisão binária em relação ao grau dos substantivos, em que juntamos os aumentativos e diminutivos numa só variável opondo-se ao grau normal, como mostram os exemplos a seguir:

Grau normal

é pras CASA, né? (IOIFBG)

tem trêys MENINA. (14FMBG)

Grau diminutivo/aumentativo

alguns LIVRINHOS,né? (OIFFAP)

fazia as CASINHA. (OICFAP)

Esta variável foi considerada como estatisticamente relevante. E, como resultado, obtivemos:

TABELA 23

## GRAU DOS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS

Fatores	Apl./Total	% PRel,
Aumentativo/diminutivo	18/77	23% 0,22
Normal	1578/2900	54% 0,51
Total	1596/2977	54%

Como podemos perceber, o grau diminutivo/aumentativo desfavorece significativamente a aplicação da regra.

Comparando nossos resultados com os de Scherre (1988) obtivemos;

TABELA 24

## RESULTADOS COMPARADOS; PESOS RELATIVOS

	Scherre (1988)	Nossos dados
	PRel.	PRel.
Aumentativo/diminutivo	0,40	0,22
Normal	0,60	0,51

Scherre atribui à estes resultados a questão da formalidade dos substantivos, já que os diminutivos/aumentativos têm o traço + informal.

Mesmo não tendo trabalhado com a formalidade dos substantivos, poderíamos dizer que este raciocínio também se aplica à nossa análise, já que os aumentativos/diminutivos são palavras como: barzinho, pratinho, casinha, etc.

Mais uma vez podemos perceber a semelhança entre os dois estudos e gostaríamos de colcluir que a variável *animacidade* não é significativa no estudo da concordância, o oposto da variável *grau dos substantivos*, que tem sua relevância mais em favor da informalidade.

## 5. ANÁLISE DAS VARIÁVEIS SOCIAIS

As variáveis sociais têm demonstrado uma significativa importância nos estudos variacionistas. Dentre elas, o *sexo*, *idade*, *formação escolar* e *nível sócio-econômico* foram as variáveis mais recorrentes, principalmente nos primeiros estudos desta área. Mas para entender melhor certos fenômenos lingüísticos, outras variáveis estão sendo controladas, como por exemplo: *orientação cultural* (Naro, 1981); *mercado ocupacional*, *sensibilidade lingüística* e *contato com a mídia* (Scherre, 1988); *origem geográfica* (Dias, 1993); *contato externo* (Cláudia Brescancini e Loremi Loregian - dissertações de mestrado em andamento).

Neste estudo, trabalhamos com as variáveis *sexo*, *anos de escolarização*, *idade* e *etnia* que são as variáveis controladas pelo Projeto VARSUL. A variável *formalidade* foi obtida de um corpus à parte, conforme comentamos no início deste estudo.

Ao analisar as variáveis acima citadas, vamos nos limitar apenas a ver o comportamento de cada uma no estudo da concordância de número. Portanto, não vamos abordar a questão da relação entre variação e mudança, que vem sendo muito discutida nos estudos variacionistas pois, para tanto, precisaríamos abordar outras variáveis sociais (ou acrescentarmos mais uma faixa etária, pois trabalhamos com apenas duas faixas etárias neste estudo), já que estas por nós trabalhadas não são suficientes para comprovar se a concordância de número reflete uma mudança em progresso ou uma variação estável.

Em uma primeira etapa deste estudo fizemos rodadas isoladas das variáveis sociais e todas foram escolhidas como estatisticamente relevantes na seguinte ordem: níveis de escolarização, idade, etnia e sexo. Em uma outra etapa, elaboramos cruzamentos entre estas variáveis, neste momento, o programa VARBRUL escolhe como estatisticamente relevante os cruzamentos e elimina as variáveis isoladas. Mesmo assim, iremos apresentar primeiramente as variáveis isoladas e, a seguir, os respectivos cruzamentos.

## **A) ESCOLARTOADE**

Esta é provavelmente a variável social considerada mais significativa na maioria dos estudos variacionistas, ou melhor, em outras áreas esta variável também tem se mostrado relevante. Como exemplo, há pouco tempo atrás, tivemos oportunidade de realizar um experimento na área de psicolinguística com crianças não alfabetizadas, no caso, crianças de 5 anos. As crianças aptas ao experimento eram filhas de pais letrados e as crianças que não conseguiram assimilar o experimento eram filhas de pais iletrados. Isso demonstra que a questão da escolarização não se reflete apenas nos indivíduos que frequentam ou frequentaram a escola, mas começa na própria família, através dos pais e irmãos.

De uma certa forma, há uma correlação muito grande entre a variável escolarização e nível sócio-econômico. Muitos trabalhos variacionistas optaram por esta segunda variável, como, por exemplo, Braga (1977), Oliveira (1982) entre outros.

Agora, não temos conhecimento de nenhum trabalho que aborde estas duas variáveis juntas, o que seria muito interessante, pois aí teríamos mais subsídios para analisar até que ponto podemos associar estas duas variáveis.

Na nossa análise, a variável escolaridade foi a primeira escolhida como mais relevante. Os nossos resultados são os seguintes:

TABELA 25  
NÍVEIS DE ESCOLARIZAÇÃO

Fatores	Apl./Total	%	PRel.
Primário	940/1563	60%	0,32
Ginásio	1290/1834	81%	0,48
Colegial	1599/1978	70%	<b>0,66</b>
Total	3829/5375	71%	

Como podemos perceber, o papel da escola é fundamental na regra de concordância, ou seja, o aumento de marca formal de plural é proporcional ao aumento dos anos de escolarização.

## **B) IDADE**

Ao falarmos em idade, a primeira idéia que nos ocorre é saber se há mudança em curso ou variação estável no fenômeno que estamos analisando. Mas, como falamos anteriormente, esta é uma questão difícil de ser constatada em nosso trabalho pelo fato de compararmos apenas dois níveis de idade: informantes de 25 a 49 anos e informantes com mais de 50 anos.

De uma forma geral, a maioria dos estudos variacionistas constataram que as pessoas mais velhas estão menos sujeitas às mudanças lingüísticas. Já nos estudos sobre a concordância nominal, a idade mostrou-se pouco significativa, a manutenção da concordância é mais acentuada em informantes de faixa etária intermediária (geralmente de 25 a 49 anos de idade). Isto é explicado pela influência do mercado de trabalho, no qual as pressões são mais acentuadas.

No nosso estudo, apesar de termos trabalhado com apenas duas faixas etárias, ocorreu o oposto: pessoas mais velhas fazem mais concordância que as mais novas, como podemos constatar a seguir.

## IDADE

Fatores	Apl./Total	% PRel.
De 25 a 49 anos	1841/2702	68% 0,45
Mais de 50 anos	1988/2673	74% 0,55
Total	3829/5375	71%

## C) ETNIA

A variável etnia está sendo bastante controlada nos estudos das universidades da Região Sul. Este é um grande privilégio nosso, por termos grandes colônias de várias etnias que mantêm suas tradições de forma muito acentuada. A grande contribuição para nossos estudos devemos ao Projeto VARSUL que controlou esta variável, permitindo-nos analisar a influência desta nos fenômenos fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais do português do Brasil.

Ao coletarmos nossos dados, levando em consideração a origem étnica dos informantes, tínhamos a hipótese que informantes de origem açoriana aplicavam mais a regra de concordância que os informantes das demais etnias controladas, devido ao fato de a língua portuguesa ser a língua materna destes informantes açorianos. E, quanto aos

informantes das outras etnias, a língua materna na maioria dos casos foi a língua de suas origens étnicas.

Como comentamos na hipótese deste nosso estudo, a grosso modo, a regra de concordância de número plural no português se faz com o acréscimo do morfema /S/. Por outro lado, nas línguas alemã, eslava e italiana o processo de concordância de número é muito mais complexo, não sendo feito pelo acréscimo do morfema /S/. E, pelo controle do Projeto VARSUL, os informantes destas etnias em questão praticamente aprenderam a língua portuguesa durante os primeiros anos de escolarização. Em muitos casos o acesso à língua portuguesa limitava-se apenas ao período escolar. Estes foram motivos que nos levaram a levantar a hipótese acima referida, hipótese esta não confirmada pelos resultados, como podemos constatar na tabela a seguir.

TABELA27

ETNIA

pafofes	Apl./Total	%	PRel.
Italiana	1017/1495	68%	0,44
Açoriana	852/1251	68%	0,47
Alemã	1053/1426	74%	0,55
Eslava	907/1203	75%	0,55
Total	3829/5375	71%	

Segundo a tabela 27, os informantes da etnia alemã e da etnia eslava são os que mais retêm a marca formal de plural. Já os informantes da etnia açoriana, esperávamos um peso relativo mais significativo, o que não ocorreu, estes informantes retêm mais a marca de concordância apenas em relação aos informantes da etnia italiana, com uma pequena diferença nos pesos relativos.

O porquê destes comportamentos é um pouco difícil de ser explicado, mas, como podemos ver na tabela 27, a diferença entre o menor e o maior peso relativo referente às etnias italiana e eslava/alemã respectivamente é de apenas 0,11. Portanto, os resultados nos levam a concluir que:

- Os informantes da etnia italiana, geralmente são pessoas de um menor convívio social, tendo em vista que a maioria destes informantes moraram por uma boa parte de suas vidas em sítios, ou seja, em zona rural.

- Quanto aos informantes das etnias alemã e eslava, que tiveram os maiores pesos relativos, atribuímos este resultado à formação escolar destes informantes. Apesar de não termos controlado tão precisamente o tipo de escola frequentado por estes informantes, durante as entrevistas muitos comentavam que haviam estudado em escolas de religiosos, e sabemos de antemão que o ensino nestas escolas é bem mais rigoroso que nas escolas públicas. Portanto, acreditamos ser esta a explicação mais plausível para esta variável em questão, mesmo assim pretendemos verificar, fazendo um levantamento mais detalhado destas situações, se esta hipótese realmente se comprova.

Primeiramente iremos comentar esta tabela em relação às etnias:

- No primário, como podemos observar, os pesos relativos são bastante diferentes entre as quatro etnias, sendo que a etnia italiana é a que menos aplica a marca formal de plural, com uma diferença de 0,25 para a etnia eslava, que mais favorece a marca.

- No ginásio, as diferenças entre as etnias são bem menores, e, neste caso, temos a etnia alemã como favorecedora da marca formal de plural.

- No colegial apenas a etnia açoriana tem peso relativo baixo, as demais etnias não diferem muito uma da outra.

Estes resultados são de difícil explicação. Se a etnia eslava não tivesse peso relativo tão alto, poderíamos encontrar a explicação através da influência da língua materna, ou seja, muitos dos informantes italianos e alemães aprenderam o português na escola, o que é demonstrado pelo peso relativo ser inferior ao da etnia açoriana.

Vendo os resultados pelo ângulo da escolarização, podemos perceber que novamente se comprova que quanto mais escolarizado for o informante, mais uso ele faz da forma padrão. Agora, o achado mais importante nestes resultados é que a etnia açoriana apresenta diferenças pequenas em relação ao aumento de escolarização, o oposto acontece nas demais etnias, isto nos leva a levantar a hipótese de que os informantes açorianos exibem mais o vernáculo, que sem dúvida é com menos concordância, já nos descendentes das demais etnias, este aumento bastante significativo associado a escolarização, e pode refletir

no ginásio, os informantes de 25 a 49 anos fazem mais concordância que os informantes de mais de 50 anos, ocorrendo o oposto no que se refere ao colegial, mostrando que havia uma rigorosidade muito maior no ensino de antigamente. O que é importante salientar é que anos atrás havia poucas escolas de ensino de segundo grau, e estas eram geralmente escolas de religiosos, sendo que poucas pessoas tinham acesso a estas escolas, diferentemente dos dias atuais. E é a isto que atribuímos esta diferença tão acentuada nas faixas etárias em relação ao colegial.

## B) ESCOLARIDADE E ETNIA

Estas variáveis cruzadas mostraram resultados curiosos, como podemos perceber:

TABELA 30  
ESCOLARIDADE E ETNIA

Etnia	Primário			Ginásio			Colegial	
	Apl./Total	%	Prel.	Apl./Total	%	Prel.	Apl./Total	% PRel,
Italiana	166/345	48%	0,16	385/573	44%	0,43	466/577	81% 0,68
Açoriana	280/432	40%	0,40	281/410	69%	0,46	291/409	71% 0,53
Eslava	236/332	71%	0,41	291/426	68%	0,46	380/445	85% 0,73
Alemã	258/454	57%	0,28	333/425	78%	0,61	462/547	84% 0,71
Total	940/1563	60%		1290/1834	70%		1599/1978	81%

## 5.1. VARIÁVEIS CRUZADAS

### A) ESCOLARIDADE E IDADE

A relação entre escolaridade e idade nos traz diretamente reflexões sobre o papel atual da escola, muito discutido pelos educadores atualmente. Esta é uma questão muito abrangente e um pouco difícil de ser abordada por nós. Mas, sabemos que a educação no país, hoje, passa por muitas dificuldades, e, até que ponto ela está se refletindo no estudo da concordância? Vejamos, portanto, nossos resultados:

TABELA 29

#### ESCOLARIDADE E IDADE

Escolaridade	De 25 a 49 anos			Mais de 50 anos		
	Apl./Total	%	PRel.	Apl./Total	%	PRel.
Primário	491/843	58%	0,32	449/720	62%	0,31
Ginásio	624/873	71%	0,55	666/961	69%	0,41
Colegial	726/986	74%	0,57	873/992	88%	0,76
Total	1841/2702	68%		1988/2673	74%	

Se olharmos a Tabela 29 horizontalmente, podemos perceber que apenas em relação ao primário as duas faixas etárias não mostraram diferenças tão acentuadas. Diferentemente do ginásio e colegial, que a diferença foi bastante significativa. É interessante observar que

## D) SEXO

O sexo é outra variável muito discutida nos fenômenos de mudança lingüística ou variação estável. E, em ambos os fenômenos, a conclusão é a mesma: as mulheres são mais sensíveis às formas lingüísticas de prestígio. Agora, no que tange apenas ao fenômeno mudança lingüística, vários trabalhos apontam a atuação da mulher quando a forma é prestigiada; neste caso, o processo de mudança. Mas, quando a forma é desprestigiada, cabe ao homem o papel da mudança lingüística, mostrando uma atitude conservadora por parte das mulheres. (Paiva, 1991; 104).

Segundo os nossos resultados, tivemos;

TABELA 28

### SEXO

Fatores	Apl./Total	%	PRel.
Feminino	2107/2904	73%	0,53
Masculino	1722/2471	70%	0,46
Total	3829/5375	71%	

A tabela 28 mostra que, apesar de pequena a diferença, as mulheres tendem a reter mais marcas de concordância que os homens.

O fato destes falantes aprenderem o português na escola, em que se ensina o português padrão.

### C) ESCOLARTOADE E SEXO

O resultado que obtivemos do cruzamento destas duas variáveis em questão foi o seguinte;

TABELA 31  
SEXO E ESCOLARIDADE

	Feminino			Masculino		
Escolaridade	Apl./Total	%	PRel.	Apl./Total	%	PRel.
Primário	696/974	61%	0,35	344/589	58%	0,32
Ginásio	630/887	71%	0,49	660/947	70%	0,49
Colegial	881/1043	84%	0,70	718/935	77%	0,57
Total	2107/2904	73%		1722/2471	70%	

Como podemos perceber, a mulher utiliza-se mais da regra de concordância que o homem.

A diferença é pouco acentuada no primário, no ginásio o peso relativo é igual entre o sexo feminino e masculino. Mas, no colegial esta diferença é bastante nítida (0,70 para 0,57). Segundo Silva:

“Essa tendência a uma melhor resposta das mulheres perante a escolarização é coerente com o que se sabe sobre a socialização na escola. É de conhecimento geral que o papel da escola é diferente entre os rapazes e entre as moças. Enquanto as meninas e moças se orgulham de serem boas alunas e de competir pelos primeiros lugares; enquanto entre elas é de “bom tom” conversar sobre as aulas e professores, entre os meninos essas atitudes são negativas e sujeitas a apelidos e “chacotes” para o menino que as adotar.” (Silva, 1993:233).

## D) IDADE E ETNIA

Como cruzamento de idade e etnia, tivemos:

TABELA 32

### IDADE E ETNIA

Etnia	De 25 a 49 anos			Mais de 50 anos		
	Apl./Total	%	PRel.	Apl./Total	%	PRel.
Italiana	506/750	67%	0,50	511/745	69%	0,38
Açoriana	425/627	67%	0,49	427/624	68%	0,42
Eslava	436/634	69%	0,47	471/569	82%	0,63
Alemã	474/691	69%	0,52	579/735	79%	0,60
Total	1841/2702	68%		1988/2673	74%	

Curiosamente, pelos nossos resultados, tivemos dois comportamentos distintos:

1 - Em relação às etnias italiana e açoriana os informantes de 25 a 49 anos fazem utilizam-se mais da regra de concordância que os informantes mais velhos.

2 - Nas etnias alemã e eslava, os mais velhos fazem mais concordância que os mais novos.

A nosso ver, a diferença entre as etnias italiana e açoriana versus alemã e eslava está relacionada diretamente à questão cultural. Como tivemos contato desde cedo com estas quatro etnias em questão, podemos perceber que os italianos e açorianos são pessoas mais abertas, descontraídas, diferentemente dos alemães e eslavos que são pessoas mais fechadas, mais formais por uma série de motivos políticos, educacionais, etc. que, no momento, tomaria desnecessário comentar. Isto relacionado à faixa etária de mais de 50 anos.

Entretanto, se olharmos apenas a faixa etária de 25 a 49 anos, podemos perceber que o comportamento é bastante semelhante entre as quatro etnias. Neste caso, pelo fato de serem pessoas mais jovens, o contato social é mais facilitado, contribuindo para um nivelamento na própria linguagem.

## **£) IDADE E SEXO**

A maioria dos estudos que abordaram as variáveis idade e sexo chegaram à conclusão que as mulheres mais velhas utilizam-se mais da forma padrão ou de prestígio

que os homens mais velhos em ambas as faixas etárias: de 25 a 49 anos é mais de 50 anos, quando comparados aos jovens -15 a 24 anos.

A explicação encontrada por estes estudos refere-se à “tendência feminina à obediência às normas.” (Silva, 1993:253). )/ Quanto aos jovens, a separação social, atualmente, entre homens e mulheres é menos acentuada, e isso pode estar se refletindo também na linguagem.

No nosso estudo, como já falamos anteriormente, trabalhamos com apenas duas faixas etárias:

TABELA 33

IDADE E SEXO

Idade	Feminino			Masculino		
	Apl	Total	% PRel.	Apl	Total	% PRel.
De 25 a 49 anos	1051	1451	72% 0,55	790	1251	63% 0,35
Mais de 50 anos	1056	1453	73% 0,52	932	1220	76% 0,57
Total	2107	2904	72%	1722	2471	69%

Na faixa etária entre 25 e 49 anos ocorreu uma diferença maior nos pesos relativos entre as mulheres e os homens, o que já era esperado, pois gerahnente nesta faixa etária as

mulheres participam do mercado ocupacional, ou seja, a mulher também trabalha fora de casa, tem contato com um número maior de pessoas.

Já em relação à faixa etária de mais de 50 anos, os nossos resultados mostram o oposto: homens fazendo mais aplicação da regra de concordância que as mulheres, divergindo dos resultados da maioria dos trabalhos variacionistas, entre eles dos estudos da concordância nominal.

Acreditamos que dois fatores contribuíram para que tivéssemos estes resultados em relação à faixa etária de mais de 50 anos:

1 - É norma do Projeto VARSUL que antes da entrevista gravada se tenha um primeiro contato com o informante, a fim de aproximá-lo do entrevistador para que a entrevista transcorra da forma mais natural possível. Mas, o fato de a maioria dos bolsistas serem do sexo feminino, o que nos passa é que a mulher, no caso a informante, geralmente sente-se mais à vontade que o homem. A mulher, neste caso, é mais espontânea e mais aberta para falar de seus assuntos pessoais. Já o homem, pelo fato de estar sendo entrevistado por uma mulher, sente-se menos à vontade e, talvez cuidando um pouco mais com a linguagem.

2 - As nossas informantes do sexo feminino, na grande maioria, são donas de casa aposentadas. Por outro lado, a maioria dos nossos informantes do sexo masculino ainda estão no mercado de trabalho. Mesmo não tendo trabalhado com esta variável, sabemos

que ela interfere nos estudos da linguagem, E, talvez esteja interferindo também no estudo da concordância, fazendo com que o homem, nesta faixa etária, aplique mais a regra de concordância que a mulher:

## F) SEXO E ETNIA

Como cruzamento de sexo e etnia, tivemos:

TABELA 34  
SEXO E ETNIA

Etnia	Feminino			Masculino		
	Apl./Total	%	PRel.	Apl./Total	%	PRel.
Italiana	503/745	68%	0,51	514/750	69%	0,47
Açoriana	528/755	70%	0,53	324/496	65%	0,44
Eslava	603/747	81%	0,61	304/456	67%	0,36
Alemã	473/657	72%	0,48	580/769	75%	0,53
Total	2117/2927	72%		1728/2497	69%	

Segundo a tabela 34, a etnia italiana não mostrou diferenças significativas para os sexos masculino e feminino. Na etnia alemã os homens aplicam mais a regra de

concordância que as mulheres, o que é um fato muito curioso e de difícil explicação. Talvez esteja refletindo aí a questão cultural, como falamos anteriormente, mas torna-se difícil de comprová-la. Já em relação às etnias açoriana e eslava a diferença é relativamente maior em favor das mulheres, refletindo novamente o que já foi comprovado em vários estudos variacionistas: a mulher mantém mais a forma padrão.

## 5.2 *FORMALIDADE*

Esta variável diz respeito às variedades devidas à situação de fala, ou seja, às influências que determinam o comportamento lingüístico no ato da fala. Para isso, subdividimos esta variável em quatro fatores que foram considerados do menos formal ao mais formal;

- 1 - situação informal - entrevistas pessoais;
- 2 - situação - informal - comentários esportivos em televisão;
- 3 - situação formal - entrevistas em televisão;
- 4 - situação + formal - defesas de dissertações de mestrado.

Gostaríamos de salientar que não analisamos variáveis lingüísticas deste grupo de Eitores. O nosso objetivo era apenas fazer um breve levantamento para ver o comportamento desta variável, pois tínhamos observado que dependendo da situação em

que se encontrava o falante, este fazia mais ou menos concordância. E, portanto, resolvemos testar nas situações acima citadas.

Os resultados desta variável foram muito significativos, como podemos observar:

TABELA 35  
FORMALIDADE

Fatores	Apl./Total	%	PRel.
Defesas de dissertações de mestrado	692/738	94%	0,82
Entrevistas em T. V.	356/415	80%	0,65
Comentários esportivos	295/368	80%	0,56
Situações informais	3829/5375	71%	0,43
Total	5188/6945	74%	

Como podemos observar na tabela 35, os pesos relativos estão de acordo com o que esperávamos em relação à situação de menos formal para mais formal.

A situação considerada como informal teve peso relativo 0,43, Nesta situação encontram-se informantes dos três níveis de escolarização: primário, ginásial e colegial, cujos dados foram coletados do Projeto VARSUL. E, foi deste corpus que analisamos todas as variáveis lingüísticas e extralingüísticas deste estudo.

A situação considerada como - informal (comentários esportivos em televisão) teve peso relativo 0,56, Vemos que há uma diferença significativa se comparado à situação anterior. Neste caso a linguagem é mais cuidada, pelo fato de os informantes estarem falando para um grande público. Consideramos esta situação como - informal pelo próprio tipo de programa: esportivo e muitas vezes até humorístico. Os comentaristas deste programa muitas vezes se exaltam, conforme a discussão, e, então, há um certo descuido com a linguagem, o que os aproxima de uma situação informal, mesmo estando em frente a uma câmera de televisão.

Quanto à situação formal - entrevistas em televisão - que teve peso relativo de 0,65, podemos perceber um cuidado maior em relação à linguagem. Na situação formal, mesmo que o assunto da entrevista seja polêmico, percebemos que os entrevistadores se mantêm com a mesma postura. Há um certo cuidado com a própria aparência em frente a uma câmera e isto influencia a própria linguagem. Acreditamos, portanto, que esta situação não difere muito do que consideramos uma situação formal.

Já, com um peso relativo de 0,82, tivemos a situação considerada como + formal. Nesta situação o cuidado com a própria linguagem é muito acentuado. Acreditamos que isso se deva ao fato de os informantes, na hora da defesa, estarem sendo “julgados” a todo momento por pessoas de nível superior. Mesmo levando em consideração o estado emocional do informante, este não se descuida ao aplicar as regras do português aprendidas na escola.

Segundo Preti (1977:34-7) os níveis da fala se dividem em: a) linguagem culta ou norma culta - que seria a conversa tensa entre pessoas de boa cultura, durante exposições de idéias, conferências, etc; b) norma comum - a linguagem usada por pessoas de cultura média, com capacidade de expandir-se facilmente devido aos meios de comunicação de massa; c) norma coloquial - a linguagem usada por pessoas cultas e de situação média. A linguagem, neste caso é mais desprendida e muitas vezes mistura-se ao nível vulgar\*^, pela influência de uma pronúncia descontraída e utilização da gíria; d) norma vulgar - usada pelos falantes sem instrução formal. E, ainda segundo Preti:

“Um mesmo falante pode possuir, dependendo da amplitude de seu *idioleto*, toda essa variedade da linguagem, mudando constantemente seus *registros de fala*, de acordo com suas necessidades de comunicação e expressão, e obedecendo a cada uma das respectivas normas.” (Preti, 1977:36).

Como podemos observar na pequena amostra desta variável, os quatro níveis de fala citados por Preti, praticamente se aplicam aos nossos dados, menos no que se refere à norma vulgar. Em relação à citação de Preti de que o mesmo informante muda completamente a sua linguagem, adaptando-a a diversas situações, citamos como exemplo duas informantes conhecidas nossas, que durante a defesa da dissertação fizeram praticamente 100% de concordância e, em várias oportunidades de conversas descontraídas, observamos que estas utilizavam muito pouco a regra de concordância nominal. Isto, no caso, demonstra que a situação em que se encontra o falante tem uma

---

<sup>12</sup> - De uma maneira em geral, concordamos com esta divisão de Preti, apenas gostaríamos de salientar de divergimos no uso de certas palavras, como *vulgar*, por exemplo. Acreditamos que palavras como esta carregam um certo preconceito e segundo Sankoff (1988), uma das importantes contribuições dos resultados da sociolinguística consiste em contribuir para discussão pública o preconceito linguístico.

interferência muito grande na linguagem, principalmente se este informante tem um nível de escolarização mais avançado (no caso, o colegial ou nível superior) e domina as regras da nossa gramática.

Gostaríamos ainda de salientar que esta foi apenas uma visão preliminar do estudo da concordância em relação a esta variável, e que pretendemos futuramente aprofundá-la. Seria muito interessante observar o comportamento de um mesmo informante em situações diferentes de fala. No caso, não só informantes com o conhecimento das normas do português mas, também, pessoas iletradas. Desta forma teríamos uma visão bastante abrangente do estudo da concordância nominal no português do Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante toda a análise, de uma forma geral, as conclusões a que chegamos sobre cada variável trabalhada. Portanto, neste momento vamos apresentar apenas de forma resumitiva as nossas considerações finais.

Como o nosso objetivo principal era testar se as hipóteses de Scherre (1988) se aplicavam ao nosso estudo, a primeira conclusão a que chegamos é que as variáveis mais significativas que atuaram neste estudo específico foram as mesmas já constatadas por Scherre. Mostrando, portanto, que os condicionamentos da aplicação ou não da regra de concordância não diferem de acordo com a região, sendo, de certa forma, uniformes no português do Brasil.

As variáveis selecionadas pelo Programa VARBRUL na ordem da significação estatística em termos de pesos relativos foram:

- 1) A distribuição dos elementos do sintagma nominal em função da sua posição e de sua relação com o núcleo;
- 2) Níveis de escolarização;
- 3) Marcas precedentes;
- 4) Saliência fônica;
- 5) Idade;

- 6) Etnia;
- 7) Grau dos substantivos e adjetivos;
- 8) Sexo;
- 9) Contexto seguinte;
- 10) Tonicidade dos itens lexicais.

No que tange às variáveis lingüísticas deste estudo, podemos concluir que:

1) Em relação às variáveis *posição do elemento no SN e relação com o núcleo*, a análise mais precisa é aquela que considera estas duas variáveis em uma só, mostrando que a aplicação ou não de uma regra de concordância é influenciada pela posição que o elemento ocupa dentro do SN em relação ao núcleo deste sintagma, ou seja, a aplicação é maior nos elementos antecedentes ao núcleo e significativamente menor nos elementos posteriores ao núcleo.

2) A *classe gramatical dos elementos* não é muito significativa nos estudos da concordância em si. Ela mostra-se relevante no que tange ao fato de o substantivo ser o núcleo do SN e é esta relação que determina a aplicação ou não da regra. Em relação à constatação de Guy de que a primeira posição é ocupada pelos determinantes, a segunda posição por substantivos e a terceira posição por adjetivos, esta não se confirma nos nossos estudos, nos quais o substantivo encontra-se em todas as posições do SN, o mesmo ocorrendo com os adjetivos e determinantes.

3) A variável *marcas precedentes* é outra variável muito significativa nos estudos da concordância, a qual determina, de uma forma geral, que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros. Segundo o nosso estudo, os “esses” que influenciam na regra de concordância não são apenas os “esses” com a carga semântica de plural, e sim outros “esses” como os dos numerais, por exemplo.

4) Em relação à *saliência fônica*, a conclusão é a mesma já observada pelos mais diversos trabalhos que abordaram esta variável; formas mais salientes são mais perceptíveis e, por este motivo, são mais marcadas. Também devemos salientar que a forma mais coerente de análise desta variável é aquela que engloba em um mesmo grupo de fatores os *processos morfofonológicos de formação de plural e ionicidade do item lexical*.

5) Quanto às *características lexicais dos substantivos e adjetivos*, podemos concluir pelo nosso estudo que a *animacidade* não interfere na aplicação ou não da regra de concordância, diferentemente do *grau dos substantivos* em que, no grau normal, a aplicação da regra é muito mais acentuada que nos graus diminutivo e aumentativo.

6) Na variável *contexto seguinte*, a aplicação da regra de concordância é menos acentuada nos contextos seguidos de consoantes e vogais. Não foi constatada a busca do padrão silábico universal CV como consequência do destravamento silábico.

Em relação às variáveis sociais, podemos concluir que:

1) A *escolaridade* é o fator social que mais influencia na aplicação da regra de concordância e o aumento da aplicação da regra é proporcional ao aumento do nível de escolarização.

2) As mulheres com idade de 25 a 49 anos aplicam mais a regra de concordância que as mulheres de mais de 50 anos e, de uma forma geral, fazem também mais aplicação da regra que os homens.

3) Em relação à etnia, podemos perceber que os eslavos e os alemães aplicam mais a regra de concordância que os açorianos e os italianos, contrariando a nossa hipótese.

4) Em relação à última variável, a formalidade na situação de fala, não há dúvidas que quanto mais formal a situação, mais aplicação da regra farão os informantes.

De um modo geral estas foram as conclusões a que chegamos em nosso estudo, gostaríamos mais uma vez de salientar que estas conclusões são as mesmas já encontradas nos estudos de Scherre (1988).

Muitas questões gostaríamos de retomar, ou deixá-las como sugestões para futuros estudos, como;

1) Gostaríamos de repensar a variável *marcas precedentes*, pois temos uma remota hipótese que os SNs com apenas dois elementos têm comportamento diferente dos SNs de

mais de dois elementos. No momento não sabemos precisamente que comportamento é este. Portanto, seria interessante uma análise que considerasse o tamanho do SN.

2) Em relação ainda às *marcas precedentes*, gostaríamos de retomar o elemento precedente numeral, levando em consideração os numerais terminados em -S e os não terminados em -S, e analisar este comportamento com falantes iletrados, pois acreditamos que o “esse” que interfere na aplicação ou não da regra de concordância não é apenas o S de plural. E o fato de optarmos por informantes iletrados é no sentido de observar até que ponto estes informantes têm a noção da carga semântica de um numeral.

3) Nos estudos sobre a concordância em geral, alguns pesquisadores optaram pela variável social *nível sócio-econômico* do informante, outros optaram pela variável *níveis de escolarização*, de um modo em geral, há indícios que estas variáveis se equivalem. Seria interessante, portanto, um estudo que levasse em consideração estas duas variáveis em questão, como por exemplo, coletar os dados de alunos de escolas de periferia, escolas intermediárias (que poderiam ser públicas ou mesmo particulares, levando em consideração o nível sócio-econômico dos pais destes alunos) e escolas particulares. Desta forma teríamos uma visão mais completa destas duas variáveis e seus pesos no estudo da concordância.

4) No nosso estudo, tecemos observações muito breves sobre a variável formalidade, a qual, como já falamos anteriormente, não foi o centro de nossa pesquisa. Então, seria também muito importante retomar esta questão e observar o mesmo informante em situações diferentes de fala.

Para finalizar, concordamos plenamente com Scherre, durante um diálogo informal, que a principal relevância deste estudo é que em breve teremos uma visão geral do estudo da concordância de número no português do Brasil. Pois, no momento contamos com o estudo de Scherre, com informantes do Rio de Janeiro; Dias, incluindo informantes de Brasília; com este, especificamente, incluindo informantes da Região Sul do Brasil; e com mais dois estudos em andamento, dos quais não temos ainda as referências bibliográficas, mas sabemos que estão sendo elaborados nesta mesma linha da Reanálise da Concordância Nominal em Português (Scherre, 1988), e com informantes do norte e nordeste. Desta forma, poderemos englobar todos estes estudos e teremos, portanto, uma visão da concordância do Norte ao Sul do Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

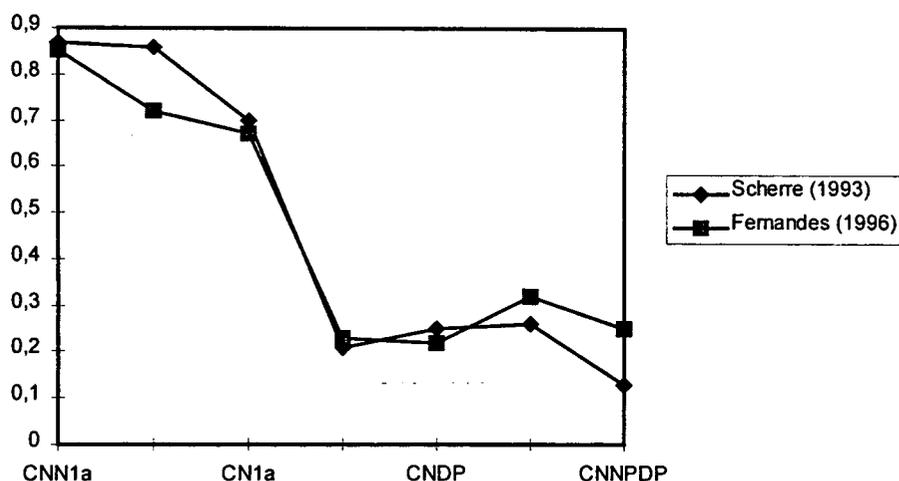
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Apresentação do projeto de gramática do português falado. In: *Gramática do português falado*. CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). Campinas, FAPESP, 1990. p. 9-27.
- DIAS, Maria Clara Álvares Correia *A variação na concordância nominal: um contraste entre o urbano e o rural na fala brasiliense*. Dissertação de Mestrado. Brasília, 1993.
- ELIA, Sílvio. *Sociolinguística*. Rio de Janeiro, EDUFF Editora Universitária, 1987.
- GUY, Gregory Riordan. *Linguistic variation in Brazilian portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Philadelphia, University of Pennsylvania, 1981. 391p. Ph D. Dissertation, mimeo.
- GUY, Gregory R. & BISOL, Leda, A teoria fonológica e a variação. *Organon - A variação no português do Brasil* Porto Alegre, UFRGS - Instituto de Letras, 18(5); 126-36, 1991.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972a. 337p.
- \_\_\_\_\_. *Language in the inner city - studies in the black english vernacular*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972b. 405p.
- LEMLE, Mirian & NARO, Antony Julius. *Competências básicas do português*. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1977. 151p.
- MATTOSO CAMARA JR., Joaquim. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis, Vozes, 1986. 272p.
- MOLLICA, Maria Cecília. Sociolinguística: conceituação e delimitação. In: *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos Didáticos, FLAJFRJ. 1992.
- NARO, Antony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.) *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos Didáticos FLAJFRJ, 1992. p. 17-25.

- NARO, Anthony Julius & SCHERRE, Maria Marta Pereira. Variação e mudança lingüística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. In: *Cadernos Estudos Lingüísticos*, Campinas, Unicamp, 20:9-16, jan/jun 1991. Tarallo, F. & Silva, G.M.O. (org.)
- NAWA, Takako. Bilingüismo e mudança de código: uma proposta de análise com os nipo-brasileiros residentes em Brasília. In: *Fotografias Sociolingüísticas*. TARALLO, Fernando (org.). Campinas, Pontes, 1989.
- PRETI, Dino. *Sociolingüística: Os níveis da fala*. 4<sup>ed.</sup>, São Paulo, Nacional, 1982.
- PINTZUK, Susan. *VARBRULprograms*. 1988. inédito.
- SANKOFF, David & LABOV, William. *On the uses of variable rules*. *Language in society*, 8(2): 189-222, Aug. 1979.
- \_\_\_\_\_. Sociolinguistics and syntactic variation. In: Newmeyer, Frederick J. (Ed.) *Linguistics: the Cambridge survey*. Volume IV (Language: the socio-cultural context). New York, Cambridge University Press, 1988a.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância nominal em português*. UFRJ, Rio de Janeiro, 1988. 554p. 2v. Tese de Doutorado. Inédito.
- \_\_\_\_\_. Sobre a atuação do princípio da saliência fônica na concordância nominal. In: *Fotografias lingüísticas*. TARALLO, Fernando (org.) Campinas, Pontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. Paralelismo formal e cognição. In: *Revista Organon*. N<sup>o</sup> 18, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português*. 1992b. mimeo. 28 p.
- \_\_\_\_\_. Relação entre hipóteses lingüísticas e dados. Mesa redonda. In: "A relação entre teorias gramaticais, métodos de pesquisa e dados". CALLOU, D. & TARALLO, F. (coord.) . Anpoll, Anais... Porto Alegre, 1992c. 17-20 maio.
- \_\_\_\_\_. Levantamento, codificação, digitação e quantificação de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Cadernos Didáticos, UFRJ, 1992. p. 121-34.
- \_\_\_\_\_. Transcrição de dados lingüísticos. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.) . *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Cadernos Didáticos, FLAJFRJ, 1992a.
- \_\_\_\_\_. A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. *Ov'zión - A variação no português do Brasil Porto Alegre*, UFRGS - Instituto de 18(5):52:70, 1991.

- \_\_\_\_\_. *Introdução ao Pacote VARBRUL para microcomputadores*. Rio de Janeiro, 1992. Mimeo.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira & NARO, Anthony Julius. *Duas dimensões do paralelismo verbal no português popular do Brasil*. Delta. São Paulo, 9(1): 1-4, 1993.
- SILVA-CORVALAN, C. *Sociolinguística. Teoria y analisis*. Madrid, Alhambra, 1988.
- SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.) *Introdução à sociolinguística variacionista - cadernos didáticos UFRJ*, Rio de Janeiro, UFRJ, 1992a.
- SILVA, Giselle Machline de Oliveira & SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). *Padrões sociolinguísticos - análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. UFRJ, 1993. 268 p. (no prelo).
- SUASSUNA, Livia. *Ensino de língua portuguesa: Uma abordagem pragmática*. Campinas, SP, Papyrus Editora, 1995.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo. Ática, 1985
- \_\_\_\_\_. Apresentação. In: *Fotografias sociolinguísticas*. TARALLO, Fernando (org.) Campinas, Pontes, 1989. p. 11-6.
- VANDRESEN, Paulitio. Introdução. In: *Sociolinguística*. FONSECA, M. S. V. & NEVES, M. F. (orgs.). Rio de Janeiro, Eldorado Tijuca, 1974.
- \_\_\_\_\_. Contatos linguísticos em Santa Catarina. In: *Separata do III Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros*. Porto Alegre, Edições URGs, 1980.

## ANEXOS

## DISTRIBUIÇÃO DAS CLASSES GRAMATICAIS DO SN EM FUNÇÃO DA POSIÇÃO E DA RELAÇÃO COM O NÚCLEO



LEGENDA:

CNN1a - CLASSE NÃO NUCLEAR NA PRIMEIRA POSIÇÃO

CNNA2a - CLASSE NÃO NUCLEAR ANTEPOSTA NA SEGUNDA POSIÇÃO

CN1a - CLASSE NUCLEAR NA PRIMEIRA POSIÇÃO

CN2a - CLASSE NUCLEAR NA SEGUNDA POSIÇÃO

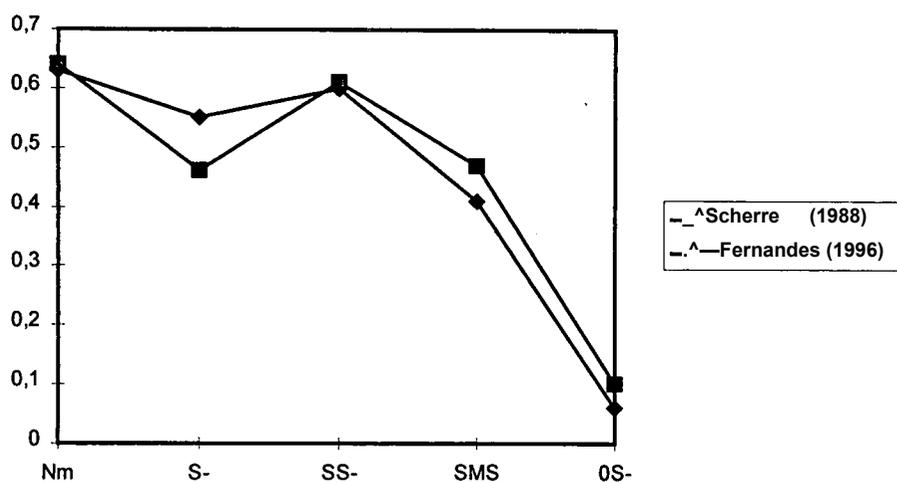
CNDP - CLASSE NUCLEAR NAS DEMAIS POSIÇÕES

CNNP2a - CLASSE NÃO NUCLEAR POSPOSTA NA SEGUNDA POSIÇÃO

CNNPDP - CLASSE NÃO NUCLEAR POSPOSTA NAS DEMAIS POSIÇÕES

## GRÁFICO N" 2

### MARCAS PRECEDENTES



LEGENDA:

Nm - NUMERAL

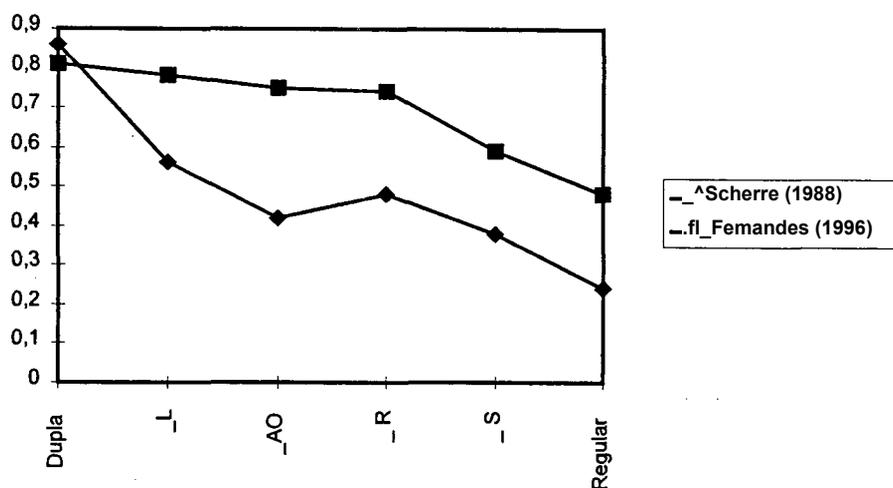
S- - PRESENÇA DE MARCA FORMAL NA PRIMEIRA POSIÇÃO

SS- - PRESENÇA DE MARCA FORMAL A PARTIR DA PRIMEIRA POSIÇÃO

SMS- - MISTURA DE MARCAS

OS- - ZERO FORMAL A PARTIR DA PRIMEIRA POSIÇÃO

## SALIÊNCIA FÔNICA



LEGENDA;

Duplo - PLURAL DUPLO

- L - ITENS TERMINADOS EM -L

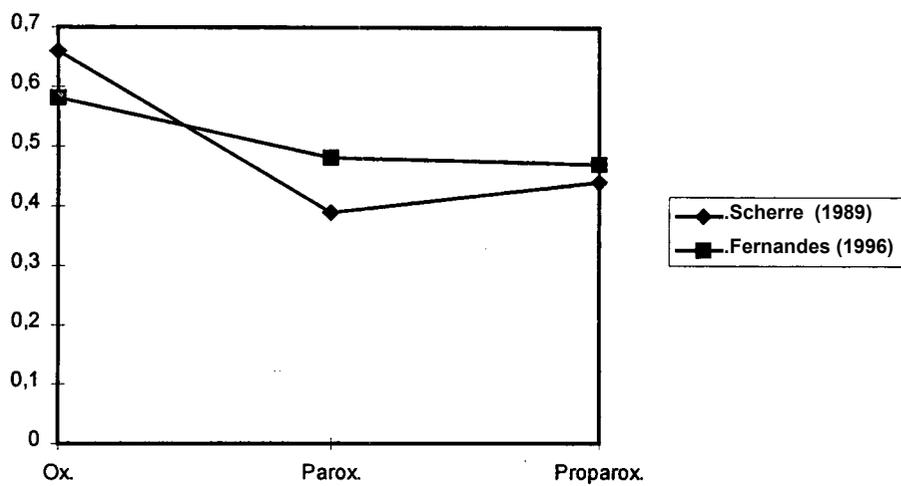
-AO - ITENS TERMINADOS EM -ÃO

-R - ITENS TERMINADOS EM -R

-S - ITENS TERMINADOS EM -S

Regular - ITENS REGULARES

**GRÁFICO Nº 4**  
**TONICIDADE**



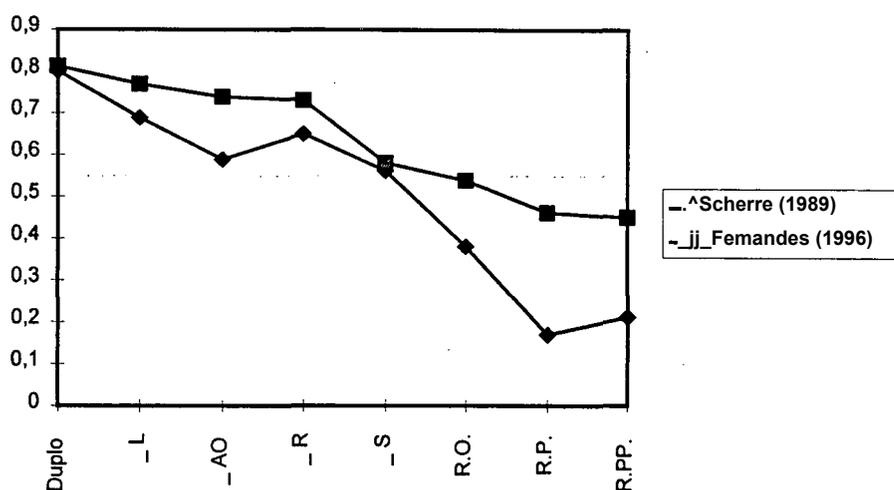
LEGENDA:

Ox. - OXÍTONO

Parox. - PAROXÍTONO

Proparox. - PROPAROXÍTONO

## SALIÊNCIA FÔNICA - PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS E TONICIDADE



### LEGENDA:

Duplo: PLURAL DUPLO

-L - ITENS TERMINADOS EM -L

-AO - ITENS TERMINADOS EM -AO

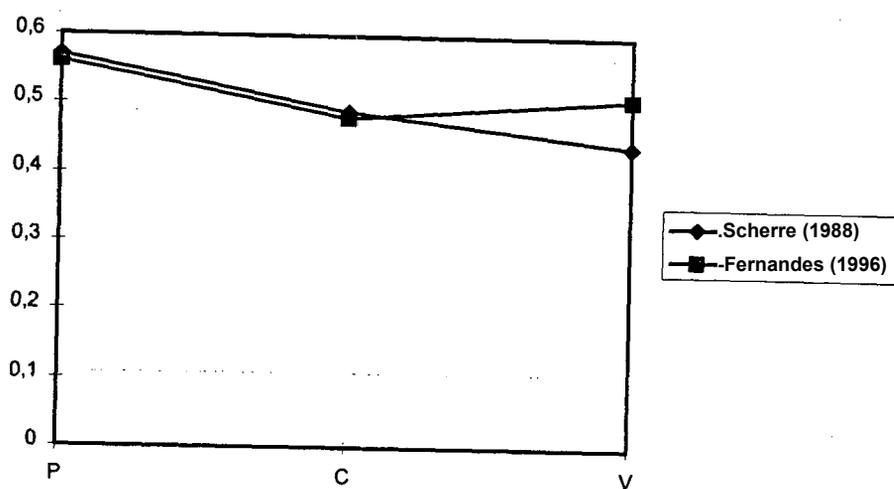
-R - ITENS TERMINADOS EM -R

-S - ITENS TERMINADOS EM -S

R.O. - REGULAR OXÍTONO

R.P. - REGULAR PAROXÍTONO

R.PP. - REGULAR PROPAROXÍTONO

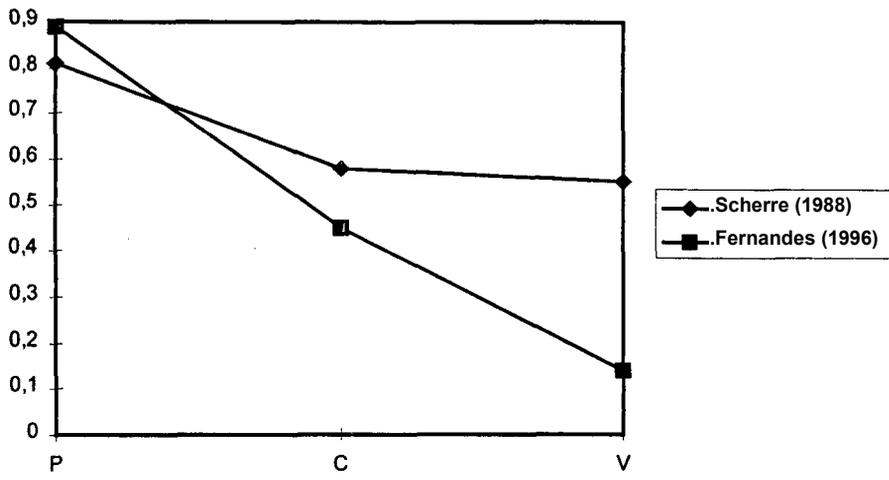


LEGENDA:

P - PAUSA

C - CONSOANTE

V - VOGAL

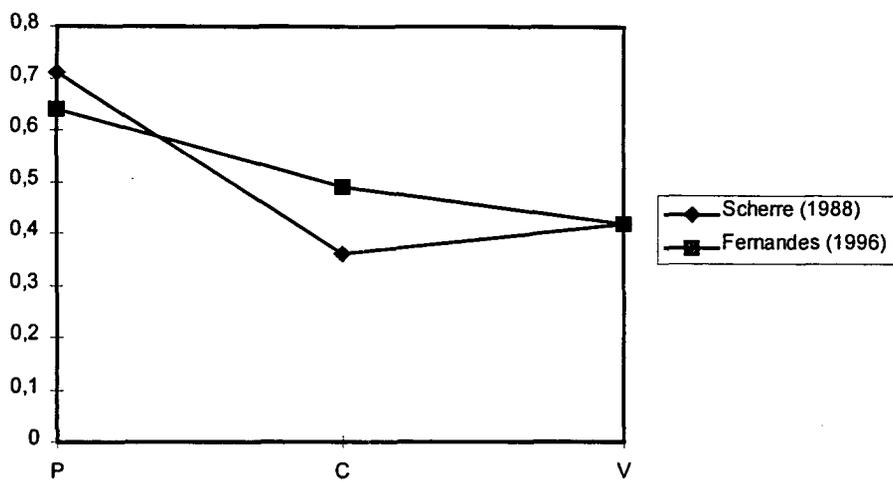


LEGENDA:

P - PAUSA  
C- CONSOANTE  
V - VOGAL

## GRÁFICO Nº 8

### CONTEXTO SEGUINTE - ITENS TERMINADOS EM -R



#### LEGENDA:

P - PAUSA  
C - CONSOANTE  
V - VOGAL